O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO—J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, Marques Gomes, Francisco de Magalhães e Firmino de Vilhena

ANNO XXXVIII

Assignaturas: SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado.

PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS

SABBADO 27 DE ABRIL DE 1889

Publicações: Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial.

NUMERO 3:788

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—A QUESTÃO VINICOLA. QUESTÃO IMPORTANTE.—PELA ULTIMA VEZ.— HOMENS DO PORTO.—A QUESTÃO DO CLERO.—NOTICIARIO.—O ESCANDALO QUE REVIVE.—CARTA DE LISBOA.—SECÇÃO PARLAMENTAR.—COMMUNICADOS.—SECÇÃO LITTERARIA.—PARTE OFFICIAL.—CORREIO DE LISBOA.

AVEIRO

A QUESTAO VINICOLA

O *Jornal do Commercio* tratando da questão dos vinhos, e dando conselho aos commerciantes do Porto, que foram a Lisboa pedir a intervenção da auctoridade real, quando se deviam ter dirigido ás côrtes, faz as seguintes considerações:

«Tambem somos dos que opinam que, na quadra que vamos atravessando, não é o caminho da politica o mais curto, nem o mais limpo, para se chegar a qualquer resultado, fuja o commercio da politica, na certeza de que aos proprios que se veem mettidos n'ella, muitas vezes ella enjoa. Nem faça politica, nem consinta que a utilizem como péla politica, consoante a conveniencia do momento».

Isto é que é fallar pela porta dianteira. O contemporaneo estava em veia de sinceridade, que não lhe consentia subterfugios.

Ora o commercio deve ser estranho ao manejo dos partidos, e por isso nos pareceu erro grave o do Porto dirigir-se a el-rei, quando tinha o parlamento, onde a questão devia dirimir-se com mais competencia. E dando-lhe aquella direcção, descarrilou, como já tinha descarrilado quando o governo o chamou a capitulo para dizer da sua justiça, antes de celebrar-se o contracto de 15 de março, e elle se recusou a conferenciar sobre assumpto que exclusivamente lhe dizia respeito.

E de ter feito então politica com a sua recusa, deixando de advogar os seus interesses em occasião opportuna, é que proveio a difficuldade que nota e contra a qual oppõe agora o seu extenso protesto escripto. Melhor teria andado se porventura discutisse com os ministros os prós e os contras do contracto que actualmente impugna, porque então havia ensejo de harmonisar as cousas de modo que não fosse prejudicado.

Não estava a companhia organisada, porque se discutiam ainda as bases do contracto. E se o commercio fizesse então ouvir as suas reclamações, as cousas lhe teriam corrido mais favoraveis aos seus intentos.

Mas não quiz comparecer, e agora protesta. Acha máu o contracto, como achou o de 5 de dezembro. Não lhe agrada a concorrencia, e por isso a combate; e este estado de cousas é insustentavel, porque não pode admittir-se que uma classe, por mais respeitavel que seja, se torne inconciliavel com as conveniencias legitimas da grande maioria da nação.

Se o commercio de vinhos se vê affrontado com a organisação das companhias vinicolas, requeira tambem para si os privilegios, que áquellas foram ou forem concedidos, a fim de poder luctar em condições vantajosas. Mas não se persuada que o paiz póde *acompanhal-o só por o que allega* contra as mesmas companhias, porque nem isso é razão, nem ninguem está disposto a reconhecer-lh'a.

E depois, a admittirmos que são procedentes os argumentos dos commerciantes, insignificante se nos affigura a importancia do seu negocio, a quem mais 300 ou 400 contos de productos vae ferir, como se d'ahi lhe resultasse a morte. A companhia do Norte arremeça ao mercado uns trezentos contos de reis. D'aqui a celeuma do commercio, que se sente ameaçado do golpe de misericordia.

E, ou estes receios não teem baze, ou se a teem, o que se segue é que as operações commerciaes valem muito menos do que se pretende inculcar. E se prova de mais o argumento, o proprio exagero lhe tira a importancia para que se tome a sério.

QUESTAO IMPORTANTE

Na camara, o sr. deputado Fuschini, levantou a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, cuja presidencia coube ao sr. Pinheiro Chagas, a quem aquelle legislador fez tremenda accusação, como pode ver-se do *Economista*, que escreveu sobre o caso nos seguintes termos:

«Nem no contrato de 14 de dezembro de 1883 feito pelo sr. Chagas, nem nos estatutos approvados pelo mesmo sr. Chagas em 14 de março de 1884, se dizia coisa que auctorisasse o dito sr. Manuel Pinheiro Chagas a mandar dizer em **5 de maio de 1885** ao sr. Mac-Murdo «**que não podia haver a mais «leve duvida** de que a companhia do caminho de ferro de Lourenço Marques, **tinha o direito de fixar as tarifas como entendesse, sem «interferencia do governo, como estava expressamente estipulado nos estatutos da companhia, approvados pelo governo em 10 «de maio de 1884.**

E no entanto, o sr. Chagas, teve a audacia de faltar á verdade, para prejudicar o seu paiz assegurando que nos estatutos de 10 de maio de 1884 estava essa clausula!

Não estava: havia completa ausencia de qualquer disposição que se referisse a tarifas e portanto este ponto não podia deixar de ser sujeito ao direito commum.

Mas o sr. Chagas, o *clarim da sereia*, entendeu que devia obsequiar o sr. Mac-Murdo, e em 5 de maio de 1885 affirmava-lhe que elle tinha razão e que nos estatutos se liam disposições que lá não estavam!!!

Não parou porém ahi o magno escandalo, o enorme desatino.

O sr. Chagas approvou em 11 de janeiro de **1886** uma reforma de estatutos de 7 do mesmo mez, onde se substituiam algumas palavras onerosas para o sr. Mac-Murdo, que se encontravam nos estatutos approvados por decreto de 10 de maio de 1884, por outras em que defraudando-se os legitimos interesses do paiz, se dava ao sr. Mac-Murdo o direito de regular as tarifas como entendesse!!

Custa, de facto, a acreditar que um ministro portuguez tal delicto perpetrasse, mas a triste realidade ei'a:

Nos velhos estatutos, onde se lia:

«construcção em que o concessionario fica solidariamente responsavel com a companhia;

mandou escrever, e aprovou o sr. Manuel Pinheiro Chagas o seguinte:

com o direito de fixar e modificar as tarifas, sem intervenção do estado!

Não ha memoria de escandalo mais revoltante nem mais perigoso para os interesses da nação.»

Já se vê que a opposição regeneradora navega em maré de infelicidades. Agora surge-lhe pela frente a questão de Lourenço Marques, de mais a mais com a circumstancia agravantissima do sr. Chagas, ministro dadivoso, ter interesses na empreza, com prejuizo d'aquella nossa importante colonia!

E são estes os que arremeçam a pedra, não tendo em vista a doctrina predicada por Jezus!

PELA ULTIMA VEZ

Profundamente misericordiosos, e porque á religião que abraçamos prestamos um verdadeiro culto, quizemos ensinar os ignorantes.

Porque, porém, os peccadores convictos, presos á propria fraqueza, se deixam arrastar pelas ondulações de lama que os absorvem, por castigo os deixaremos, apenas, entregues ao tripudio vil da turba que os cerca.

Pela ultima vez lhes repetimos, pois:

Não ha mais alto louvor nem mais assombrosa manifestação de triumpho para o sr. Manuel Firmino do que a guerra que lhe promove essa *anthipatia invencivel*, que tão a proposito veio para nós, para nós que tanto precisavamos de ouvil-a d'uma consciencia que apontamos hoje como moribunda.

Ao applauso dos homens de bem, ao apoio dos homens honestos, faltava juntar-se a suprema injuria da canalha, da matulagem desenfreada que a qualquer joga a ponta da navalha. A' solemne consagração dos seus meritos, ao mais rasgado louvor á probidade da sua administração e á lealdade da sua politica, feita pelos caracteres mais nobres e mais graves, faltava que, no calão grosseiro dos ébrios sem pudor, os heroes de malta e de taberna viessem deprimir-lhe os serviços. Hoje tem tudo isso com o que dizeis.

Felicitamol-o por tanto, e felicitamo-nos tambem.

Quanto ás ameaças que affirmam não terem feito, será o que dizem: nós é que repetimos o que sobre ellas dissémos, e o que temos a franqueza de dizer aqui, dizemol-o em toda a parte, onde e quando queiram.

Os elogios despresamol-os, porque acceital-os seria a nossa mais completa perdição no conceito dos homens de bem. Aqui o que é um, são todos; e sobre responsabilidades nós queremos a maior parte.

E nada mais, que mais nada nos merecem. A camaradagem de que fazem gala é a sua mais tremenda punição.

HOMENS DO PORTO

Com este titulo publica o nosso presado collega do *Correio da Noite* um bello artigo firmado por um dos nossos mais laureados escriptores contemporaneos, o sr. Silva Pinto, em que ha uma referencia a um homem que n'aquella cidade foi muito conhecido e estimado, Antonio Navarro e cujo nome anda ligado a um dos mais interessantes episodios da Revolução Patuléa. Escreve o sr. Silva Pinto:

« O duque da Terceira, hospedado na Torre da Marca, preparava os laços que deviam estrangular o movimento liberal dos populares do Porto. Antonio Navarro resolve prender o duque, e seguido de grande massa de povo, encaminha-se para a Torre da Marca. O velho marechal conferenciava com o seu estado maior; Navarro sobe as escadarias, emquanto o povo nas ruas solta immensos brados de vingança. Creio que seria então uma ardente figura de revoltado o homem que ha 10 annos eu conheci velho. Navarro penetra na sala da conferencia, vae direito ao duque, põe-lhe a mão no hombro e diz:

— Marechal! Está preso em nome do povo!

Era arrojada a tentativa. O duque era uma alma intropida; cercavam-n'o officiaes dedicados, e todos aquelles homens conheciam a Morte de perto...

O marechal não resistiu. A' simples observação sua de que ninguem poderia responder pelos excessos do povo, Navarro objectou—que respondia elle, pela sua honra.

E respondeu. O duque foi conduzido pelo valente homem ao castello da Foz, em meio dos bramidos da multidão, e a voz de Antonio Navarro consegaiu contel-a.»

O sr. Silva Pinto, baseou-se decerto apenas da tradição oral, por isso não referiu o facto com a precisa exactidão.

Não foi Antonio Navarro que resolveu prender o duque da Terceira, dirigindo-se para isso á casa onde este se havia hospedado com grande massa de povo. Aquella resolução partiu unica e exclusivamente de José Passos e foi elle que congregou o povo para esse fim.

Quando Navarro subiu á sala onde se achava o duque da Terceira, este estava conferenciando com José Passos e dr. Francisco Rezende. A demora d'esta conferencia é que levou Navarro a subir e dirigindo-se então ao duque intimou-o a que se désse á prisão e não quizesse com uma resistencia inutil comprometter a segurança da sua pessoa. *Mas á ordem de quem devo eu darme por preso?* perguntou o duque: *á do povo*, respondeu Navarro: *meia duzia de rotos que ahi estão em baixo*, replicou o logar tenente da rainha: *o bastante para repetir as scenas de Alcantara*, acudiu o commissionado da revolução.

Poz termo a este dialogo, cujas consequencias podiam ser gravissimas, José Passos, que decidiu o duque a acompanhal-o, e dando-lhe o braço desceu com elle, pondo-se em seguida a caminho do Castello da Foz, onde o deixou preso.

Não foi tambem Navarro que assegurou ao duque que a sua vida não corria risco, como affirma o sr. Silva Pinto, mas sim José Passos, que para cumprir a palavra dada, se arriscou depois a ser morto, antepondo-se entre o duque e os que o quizeram assassinar no caminho e não eram elles poucos.

Tambem não foi na Torre da Marca que o duque da Terceira se hospedou, como affirma o sr. Silva Pinto, mas sim em Villar em casa do velho conde de Terena, Sebastião.

M. G.

A QUESTAO DO CLERO

D'um dos mais dignos parochos que conhecemos, acabamos de receber a seguinte carta:

Sr. redactor.—Como v. costuma advogar no seu jornal as causas justas, e vendo no dito seu jornal um projecto de lei sobre a aposentação dos parochos, entendo dever dizer alguma cousa a esse respeito pedindo a v. o especial obsequio de expôr no referido jornal o meu modo de pensar, que será, talvez, o da maioria do clero parochial.

O projecto diz:

«Que os parochos serão aposentados aos 75 annos de idade, independentemente de qualquer requerimento ou observação de medicos.»

Seria bem entendido se tivessem os a certeza de que o pobre parocho, que não tem dia nem noite, que se acha exposto ou ao rigoroso inverno ou a um calor intenso, chegasse a essa idade, quando é certo que no Algarve não ha parocho que tenha setenta annos, e que são raros os que lá chegam, portanto é uma inutilidade aquella disposição.

Os empregados publicos, que teem só cinco ou seis horas de trabalho por dia, podem-se aposentar mais cedo; o parocho só aos setenta e cinco annos!

O mais rasoavel e justo era a aposentação, sem serem expostos a uma junta de medicos, aos quarenta annos de serviço parochial effectivo; e para aquelles parochos que não se achem capazes de continuar o serviço parochial por seus padecimentos, exigir-se vinte e cinco annos de serviço effectivo, sendo pelo menos quinze annos como parocho collado, e porque alguns parochos podem, aos vinte e cinco annos de serviço, estarem incapazes de parochiar, porque teem de atravessar ribeiras, e as freguezias tem grandes longitudes, como esta, e a de Cachopo e Vaquier e outras que teem tres leguas distantes da sede; podem todavia estarem capazes, bons ou soffriveis para desempenharem outros serviços; por isso o governo devia, d'accordo com o ex.mo prelado, apresentar esses parochos nos canonicatos, sem onus d'ensino, vagos nas Sés, percebendo o seu ordenado como aposentados, logo que tenham esses parochos bom comportamento moral e religioso.

As Sés Cathedraes acham-se quasi todas sem pessoal necessario para assistir aos actos religiosos, principalmente quando os ex.mos Prelados vão officiar de Pontifical. Os governos, não obstante haverem promettido organisar os quadros capitulares, nem teem tratado d'isto, nem despacharam conegos sem onus d'ensino, e por esses motivos os parochos que não estão capazes de parochiar, podem estar soffriveis para o desempenho das obrigações choraes.

A Sé de Faro em 1866 tinha desoito membros, sendo duas dignidades, dez conegos, e seis beneficiados, tres capitulares e tres cantores; o anno passado havia apenas um conego e tres beneficiados, sendo dois capitulares e um cantor, do sorte que assim o ex.mo Prelado não pode funccionar. Estivo cinco annos collado n'um beneficio capitular pacochial da mesma Sé, e sei o pessoal que é necessario haver nas Sés.

Chamo mais a attenção de v. para o seguinte: seis leguas distantes d'esta aldêa está a mina de S. Domingos, onde teem estado trabalhando mais de mil pessoas; agora foram despedidos mais de seis centos trabalhadores, de sorte que, se o governo não mandar abrir trabalhos nas estradas, dentro em pouco teremos de luctar com malfeitores nos caminhos.

A mina do Rio Tinto na Hespanha tambem tem despedido muitos trabalhadores, a maior parte dos quaes pertencentes a esta provincia, assim como os das minas de S. Domingos.

Esta provincia, digna de melhor sorte por todos os motivos, tem sido descurada dos poderes publicos; estradas só as ha no littoral, poram no interior, onde ha serra ingreme, cortada pelas ribeiras caudalosas, nem pontes por desgraça, chegando muitas vezes as ribeiras não darem passagem oito dias, e as pessoas, quando passam pela serra, por uns caminhos *tão bons*, vão com a morte diante dos olhos.

Em 1873, quando foi a crise alimenticia, por causa da estiagem, decretaram as estradas districtaes de Tavira até Castro Verde, passando por Cachopo, Vaqueira e Martim Longo, e a de Alcoutim a entroncar-se na estrada que vem de S. Braz d'Alpostel, passando por Pereiro, Giães e Martim Longo; d'estas estradas porém só fizeram n'esse anno 5 kilometros, e em que se gastou um dinheirão; o que falta da que está prompta na do Alcoutim, até Martim Longo, levará tanto como o que se gastou nos cinco kilometros, e a rasão é porque não ha pontes e só aqueductos e aplanar o terreiro. Em fim o Governo devia attender a estas necessidades, principalmente hoje que ha tanta gente sem trabalho.

Como não escrevi ainda para jornaes, por isso não faço um communicado em forma, pedindo a v. o especial obzequio de fazer constar, por meio do *Campeão* ao governo as necessidades que ha, pelo que ficará summamente reconhecido quem tem sido e é, com a mais subida consideração e respeito

De v. etc.

J. P. de F.

E' muito para louvar o procedimento do digno ecclesiastico, e fazendo nossas as suas justas reclamações, cumprimos apenas dever de justiça e da muita consideração que nos deve o illustre auctor das linhas que ahi ficam lançadas.

NOTICIARIO

Notas da carteira.—Partiu para a sua casa de Mões o sr. Francisco Manuel Conceiro da Costa.

— Devem regressar esta semana *á sua casa de Soutellinho, em Sever* do Vouga, os srs. condes de Beirós.

— Esteve ante-hontem n'esta cidade o sr. José da Fonseca Dias, abalisado clinico de Oliveira do Bairro. Com 81 annos de edade, ninguem anda mais aprumado. Está ainda robusto do corpo e do espirito.

— Vae passando melhor dos seus incommodos de saude, a ex.ma sr.a D. Joanna de Moraes e Silva. Folgamos com o rapido restabelecimento de s. ex.a

— Fez annos na passada quarta-feira a ex.ma sr.a D. Eliza de Magalhães, illustrada e extremosa irmã dos nossos queridos amigos e collegas d'este jornal, srs. Francisco e J. M. Barbosa de Magalhães. Damos sinceros parabens a s. ex.a.

Para o estrangeiro.—Saiu para Pariz por via de Salamanca, o nosso patricio e amigo o sr. dr. Edmundo de Magalhães Machado. Em quanto outros se aproveitam do comboio a preços reduzidos para gozar as delicias n'aquella moderna Capua, o dr. Edmundo Machado propõe-se estudar nos hospitaes da França e da Belgica os problemas da sciencia, a que consagrou uma parte da sua vida. Como especialista da molestia d'olhos, vae alli, n'aquelles dois focos de luz, enriquecer-se com os thesouros da observação, fortalecendo os estudos do gabinete com as applicações praticas, para depois no seu paiz prestar serviços á humanidade.

Que Deus lhe torne propicia a missão que se impõe e que regresse á patria bom de saude, e rico de conhecimentos, para gloria sua e bem dos que de futuro tiverem de recorrer aos seus recursos medicos.

Visita.—Acha-se em visita ao cofre da agencia do banco de Portugal n'este districto, o sr. Antonio de Menezes e Vasconcellos, distincto e considerado empregado d'aquelle estabelecimento de credito. Consta-nos que s. ex.a se demora alguns dias n'esta cidade.

A' Esquerda... — Uma folha da capital publicou telegramma d'Aveiro, dizendo que houvera indifferença ao chegar aqui a estatua de José Estevam. Outra folha referiu-se á noticia, e estranhou-a, oppon-do-lhe outra extrahida dos jornalecos, e que era contraria á verdade dos factos.

Ora a nós cumpre-nos fazer as convenientes rectificações, a saber: a frieza do publico, o que é confessado por gregos e troianos, em nada melindrou a memoria do grande orador, que todos aqui respeitam, e tanto que para o monumento que se lhe vae erguer na praça publica, concorreram todos os habitantes d'Aveiro, independentemente de affeições partidarias. O que retirou d'aquelle acto muita gente foi a direcção que se pretendeu dar ao acontecimento, tirando-lhe a côr local, para se lhe imprimir uma feição exclusivista, acintosa, fazendo do nome de José Estevam arma de combate.

Parecia ao mais trivial bom senso, que se deviam dar treguas ás paixões para se inaugurar o monumento com a assistencia e concordancia de todos os elementos validos da terra que lhe foi berço e a quem elle tanto amou.

Pois tem-se feito ahi exactamente o contrario. E presiste-se n'esse intento, chegando até a publicar-se uma ameaça, o que além de impolitico revela intenção criminosa.

E ali, apesar das musicas e do foguetorio, o acto de domingo foi mesquinho, pouco concorrido, porque a gente que lá appareceu esteve fria e na sua quasi totalidade como que indifferente a quanto se passava. Foi á praça Municipal, como iria ao jardim ouvir tocar as filarmonicas e a charanga. Mera curiosidade, ou passatempo.

E' impossivel que os que se fizeram empreiteiros, tomando para si as honras da tarde, não tivessem reparado em tal. Estamos certos que repararam, e que farão quanto poderem para evitar novo desastre quando se proceder ao acto solemne da inauguração.

Curioso!—Os souzas-cazacões, segundo ouvimos, citam manifestações, que se fizeram na praça Municipal, por occasião da chegada alli da estatua de José Estevam. Ninguem deu por isso; conforme a melhor versão houve apenas a grunhidella do hypopotamosinho dos balcões, que bacurejou umas sandices, que só os cazacões ouviram, para o repetirem depois na sanfona da casa.

Então os souzas-cazacões arvoram a estatua como bandeira de guerra? Que inhabilidade! não venham depois a arrepender-se de levarem o caso por semelhante caminho. E abespinhem-se pela indifferença que encontrarem no publico, que é avesso a taes endrominas, ou injuriem-se a si proprios, visto que em 1861 e 1862 souza, que ainda não era cazacão, rabiscava no *Campeão das Provincias!...*

Vejam como Deus escreve direito *por linhas tortas! E por fim nós é que* somos os precitos, e elles—os judas iscariotes—os escolhidos!

Mas os taes berros do hypopotamosinho dos balcões passaram desapercebidos para toda a gente, ecoando só aos ouvidos dos cazacões que o ensinavam. E afinal como ninguem se arreceia dos zumbidos dos zangãos, nem sequer valem dois piparotes para os afugentar.

Sempre ha por esse mundo cada javardo! Curioso tudo isto, e tanto que se improvisam dichotes para que haja uma nota discordante quando só a unanimidade devia existir.

Os da vida airada.—Elles são tres, tres, como na *Grã-Duqueza*.

D. Franchinote—padre-mestre da calumnia e da torpeza—que dizia vir levantar o *nivel-moral* d'esta terra, e o que os *amigos* da ultima hora tanto metteram a ridiculo, é o que está rebaixando mais a imprensa e a sociedade com os exageros do seu temperamento bilioso e irriquieto; e elle, *atascando-se* mais ainda no lodo vil do servilismo aos homens politicos que apodou de nullidades chatas, e que agora o trazem á... corda! Mizeravel sem egual, pimpando de fanfarrão! Enoja. Ancora conhece-o bem.

O barão da Espinha-sêcca—vulgó o—*Petinga*—auctor de varias tramoias, que de pelintra que era e procurador de causas perdidas, subiu a grande proprietario, capitalista, jurista, etc. etc—este heroe de eternas luminarias, tambem se metteu a rabiscador, e anda a espreitar o que se passa para lançar tudo na latrina da Commercial, com grande gaudio dos velhos *nojeiras*, e outros patetas do partido, em que tanto abundam os pobres d'espirito!...

E o comediante Antonio Besugo—esse farçante sem igual—que ahi está sendo o açoute de todas as intelligencias, honestidades e importancias d'esta cidade, porque n'elle só abunda a vilania, a perfidia, a ingratidão e a... barriga. Um tartufo de marca—g—que engordou á custa das reputações alheias, e que aprendeu com o amigo barão a conjugar o verbo—*surripio*—em todos os tempos, e por isso são tão *unidos*, porque sabem as manhas uns dos outros!

São trez pessoas distinctas, mas nenhuma verdadeira! e todos iguaes na patifaria, na covardia, e no emprego dos meios mais miseraveis para conseguir os seus fins interesseiros!!

A verdade espanta elles.—O *Districto de Aveiro* referindo-se á local do penultimo numero do nosso jornal—*Podia ser fatal*—embrenha-se em commentarios que pecam pela falta de veracidade de que estão eivados, e que bem mostram o desarranjo mental e a malvadez do cerebro, que as deu á luz, á similhança da montanha.

Não quizemos fazer reclame, conforme diz o *Districto*, ao sr. dr. Pereira da Cruz; apenas contámos o succedido, a titulo de simples noticia, tal qual como nos foi narrado. Mas o *Districto*, uzeiro e vezeiro n'esses reclames, que exagera o seu paladar e segundo as suas conveniencias, julga os outros por si.

Sousa Maia, ao enxergar o nome do nosso amigo o sr. dr. Pereira da Cruz, arremeça-se a elle com os instinctos de hyena ferida e solta uivos de inveja nojenta e feroz. Diz que conta a verdade e... é geito que lhe ficou... impelido pelos instinctos maleficos que o caracterisam e cegam, mente redondamente.

Pois bem; já que Souza Maia deturpou os factos, nós agora, bem informados, restabeleceremos a verdade e affirmaremos cathegoricamente como as cousas se passaram, tendo para isso de citar nomes, verdade é que, contra nossa vontade, mas obrigados pela força das circumstancias.

Camilla Augusta, depois de ferida, seriam umas 6 horas da tarde, procurou alguns medicos da cidade, que não encontrou em casa, e dirigiu-se em seguida para a botica do conceituado pharmaceutico o sr. Francisco de Moura; ahi e não na pharmacia do sr. João Bernardo é que lhe foi feito um curativo provisorio. Mas como o sangue não estancasse, então Camilla Augusta procurou o sr. dr. Luiz Regalla o qual, depois de lhe examinar a ferida, lhe aconselhou um medicamento qualquer e a applicação immediata de um lenço, dizendo-lhe que, como era já tarde, voltasse no dia seguinte.

Camilla cumpriu á risca as prescripções d'aquelle facultativo, mas o sangue corria da mesma maneira até que o sr. dr. Pereira da Cruz, chamado proximo ás 11 horas da noite (e não ás 9 como diz o escrevinhador do *Districto*) lhe fez cessar por completo o sange que corria da ferida n'uma abundancia extraordinaria.

Esta confissão espontanea foi-nos feita pela propria Camilla que, accrescentou, já a tinha feito ao ex.mo sr. capitão do porto d'Aveiro, quando o sr. dr. Pereira da Cruz lhe fazia o curativo em presença das espozas dos ex.mos srs. Miguel Carmo e Manuel Martins, e a muitas outras pessoas, porque não é mais nem menos do que a expressão nitida da verdade.

Perdoem-nos as pessoas cujos nomes aqui publicamos, mas era indispensavel fazel-o para varrer de vez as calumnias vomitadas contra o sr. dr. Pereira da Cruz.

Fallecimento.—Finou-se no dia 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na antiga villa d'Angeja, o nosso velho e sempre chorado amigo, sr. Antonio Joaquim de Freitas, chefe da conservação das obras publicas. Era natural do concelho de Cantanhede, d'onde ha muitos annos tinha saído para exercer na direcção das obras publicas d'Aveiro o logar que a doença o fez abandonar nos ultimos tempos da sua amargurada existencia.

Foi amigo intimo do grande tribuno José Estevão Coelho de Magalhães e a esse caudilho illustre do partido liberal deveu a sua posição official. Por muitas vezes lhe ouvimos com verdadeiro enthusiasmo fallar do seu protector e amigo, que elle estimava ainda com dedicado affecto e extrema consideração.

Foi tambem amigo dedicado do velho marquez da Gracioza, que tinha pelo illustre extincto a veneração e o respeito que merece o homem digno e distincto pelas suas qualidades de cidadão e dotes moraes.

Nascido de paes pobres e sem posição no mundo official, póde pelas suas acções e porte cavalheiroso, conquistar a amizade de todos que o conheciam e o respeito e consideração publica. Era um cidadão exemplar e um empregado modelo. A viação publica que, em parte do districto d'Aveiro esteve a seu cargo, deve-lhe relevantes e assignalados serviços.

Dedicou-se com verdadeiro desinteresse ao serviço do estado, e no cumprimento das suas obrigações officiaes nada havia que o obrigasse a faltar.

Era um espirito sempre juvenil e alegre, que encantava os seus amigos mais particulares no convivio intimo e na palestra affavel e sempre delicada e cortez.

Paz á sua alma e os nossos sentidos pezames a todos os membros da sua infeliz familia. A saudade que nos deixa será inextinguivel.

Obito.—Aos estragos de uma lesão cardiaca, falleceu aqui ha dias o sr. Domingos Ferreira da Costa, empregado aposentado da guarda fiscal e um homem de provada rectidão e zelo no serviço publico.

Ha annos que era tambem empregado da casa do sr. Manuel Firmino, no serviço das suas companhas de pesca.

Deixa viuva e 6 filhinhos em graves circumstancias. Paz á sua alma.

Que Deus o tenha na sua presença.

Um roubo.—No mundo os contrastes são inumeros! Na noite de sexta-feira sancta, em quanto os fieis estavam nas Egrejas assistindo aos officios de trevas, outros menos religiosos e mais amigos do alheio, andavam por ahi á furtanga, e foram tirar uma vacca a um pobre homem do Bom Successo, indo vendel-a no dia seguinte a Oliveira do Bairro. O roubado fez barulho com o caso, e elle e os visinhos tanto procuraram que deram com o paradeiro do animal e souberam quem o tinha furtado, dando os ladrões entrada da cadeia.

Hotel Serra em Luzo.—Este estabelecimento abriu-se já á concorrencia publica e está muito melhorado, como indica o annuncio que vae no logar competente. E' um estabelecimento que se recommenda pelos seus antigos e bem merecidos creditos.

Mercado de gado.—O gado bovino baixou consideravelmente de preço nas ultimas feiras. E' que estão feitas as terras altas, é que os lavradores não teem alimentações nem seccas nem verdes para a sustentação d'elle. Baixou e espera-se que baixe mais ainda, tambem porque a carne baixou alguma cousa nos mercados de Lisboa.

Mercado de pesca.—Continua a haver falta de pesca salgada. De Lisboa e das pescarias do sul não tem vindo nada, e no mercado d'aqui, que é o que fornece a Beira e outros pontos do paiz, não ha, pode dizer-se, que vender. Esperam-se com anciedade as pescas frescas das costas do nosso littoral, para que a alimentação publica não soffra, e soffrerá se as pescas não vierem sem demora, visto que das pescarias do sul nada tem vindo, e é possivel que nada venha.

Despachos administrativos.—Verificaram-se os seguintes:

José Candido Gomes de Oliveira Vidal, exonerado, a seu pedido, de vogal substituto do tribunal administrativo do districto de Aveiro.

Manuel Ferreira Pinto de Sousa, exonerado, a seu pedido, de vogal substituto do mesmo tribunal.

Joaquim Pereira da Silveira, nomeado administrador do concelho de Magdalena.

Bacharel Urbano Prudencio da Silva, nomeado 1.° official do governo civil da Horta.

Santhiago Peres Penedo, subdito hespanhol, naturalisado portuguez.

Bacharel Carlos Alberto Xavier de Andrade, exanerado, a seu pedido, de administrador do concelho de Tabua.

Angelo Gandolfo, subdito italiano, naturalido portuguez.

Noticias d'Evora.—Em 25.—Foi recebida hoje n'esta cidade, communicação official de que S. S. M. M. e A. A. chegam a esta cidade no dia 19 de maio. S. S. M. M. demoram-se dois dias, e os srs. duques de Bragança 5 dias. Preparam-se grandes festejos para essa occasião. Vão installar-se commissões em varios pontos da cidade, para esse fim.

— Parece que se descobriu proximo a Extremoz, uma mina de abubo natural de excellente qualidade. Está-se fazendo a experiencia, de que se espera o melhor resultado.

Noticias de Coimbra

—São da *Correspondencia*, de 24, as seguintes:

O sr. Bispo Conde, sempre dedicado e solicito pelo seu rebanho, não perde occasião de exercer a sua nobre e santa missão de amor e caridade pelas suas ovelhas. Ha dias noticiámos um incendio que, na freguezia da Cumieira, do concelho de Penella, destruiu a casa e os haveres de uma desgraçada familia, sendo tambem victima um pobre rapaz de 19 annos. O nobre e virtuoso prelado, como nos informam d'aquella localidade, logo que teve noticia d'aquella desgraça, foi o primeiro a enviar a quantia de 12$000 réis á desventurada familia por intermedio do digno parocho. É tambem merecedor de muito louvor o procedimento do bondoso parocho que não tem poupado esforços para ver se póde restituir áquella pobre e desolada familia os haveres que o voraz incendio lhe roubou. Que os abastados se lembrem dos que soffrem. Qualquer esmola póde ser enviada ao digno parocho, sr. José dos Santos Arnaud. O nobre prelado tambem distribuiu avultadas esmolas aos presos e estabelecimentos de caridade na occasião que os visitou em quinta-feira santa.

— Recebemos o relatorio que a commissão executiva apresentou á junta geral do districto na sessão ordinaria d'abril do corrente anno. Vem curioso, desenvolvido e bem documentado. Achámos muito conveniente a proposta que a commissão faz á junta geral de augmentar no seu orçamento supplementar a verba já destinada no orçamento geral para subsidiar as juntas de parochia do districto na construcção dos seus cemiterios. Esta verba já votada desde 1885 era de réis 900$000 e a quantia agora addicionada 2:100$000 réis. As juntas de parochia que tem cemiterios ainda que em más ou irregulares condições são 147; e as que os não tem 39. Já se vê portanto a necessidade de auxiliar estas corporações a concluirem ou melhorarem os seus cemiterios em beneficio da saude publica.

— Falla-se com muito enthusiasmo na Figueira da Foz em realisar uma exposição industrial e agricola durante a proxima quadra balnear. Approvamos a ideia, porque a Figueira tem muitos elementos de vida nas suas diversas e variadas industrias, para levar ao cabo com muita vantagem este emprehendimento. Algumas das suas industrias são muito especiaes e muito perfeitas no seu genero. A exposição será muito concorrida n'esta epoca; e deverá chamar maior numero de banhistas a esta excellente praia.

— Este anno, como no anno passado, a mesa da Santa Casa da Misericordia não appareceu, como era de costume, para receber o venerando e respeitavel Bispo da diocese na occasião que visita as egrejas em quinta-feira santa. O escrivão da Misericordia é o lente de theologia, o sr. Garcia de Vasconcellos que procura por este meio mostrar a gratidão e o respeito que deve ao seu prelado.

Edificante!

— Consta-nos que o digno par do reino o sr. Miguel Osorio Cabral de Castro tem ultimamente passado melhor dos graves padecimentos que, desde ha muito, o tem prostrado. Por conselho do medico, deve brevemente sahir para Santo Antonio dos Olivaes; e alli, como em estação de saude, passará os bellos dias de primavera que vão correndo. Desejamos o seu completo restabelecimento.

— Foi creado no corpo de policia civil, estacionado n'esta cidade, um cofre de pensões para os guardas que venham a impossibilitar-se no serviço. Os fundos da caixa são constituidos pelas multas de transgressões geraes de policia, pelos dias de vencimento que as praças não recebem em virtude de licenças, e por uma deducção de 2 p. c. nos vencimentos mensaes. Estes diversos elementos no anno de 1888 perfizeram a quantia de réis 382$040.

— A Veneravel Ordem Terceira, grata aos serviços prestados pelo seu illustrado ministro, o sr. conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, mandou hontem celebrar missa cantada a instrumental em acção de graças pelo restabelecimento do seu veneravel irmão. A concorrencia, sem distincção de classes, foi extraordinaria e a homenagem digna do homem que todos estimam e respeitam. Depois da missa offereceu o sr. conselheiro Secco um apparatoso almoço aos que espontaneamente assistiram áquella cerimonia; e em phrase eloquente e commovedora agradeceu a todos o testimunho de sympathia que n'aquelle momento acabava de receber. Respondeu-lhe o vice-ministro da mesma Ordem, monsenhor Ignacio de Carvalho Freitas pondo em relevo n'um breve mas eloquente discurso, os serviços prestados pelo sr. conselheiro Secco e a distincção do seu nobilissimo caracter. Foi justa a homenagem de todos e a ella sinceramente nos associamos.

— A faculdade de direito é representada no congresso juridico em Lisboa pelos lentes da mesma faculdade drs. Dias Ferreira, Fernandes Vaz, Avellino Callisto, Laranjo, Guimarães Pedrosa e Henriques da Silva.

— A Associação Humanitaria de Bombeiros Voluntarios, ultimamente creada n'esta cidade, elegeu seu 1.º commandante o sr. Affonso Alves de Figueiredo. Reune o sr. Affonso ás excellentes qualidades pessoaes que o caracterisam a sua muito aptidão gymnastica; o que sem duvida lhe será de grande vantagem.

— Sahiu ha pouco dos prelos da Universidade um opusculo com o titulo de Homenagem da diocese de Bragança a S. Santidade Leão XIII por occasião do seu jubileu sacerdotal, pelo presbytero Antonio José da Rocha. Apparecem n'esta publicação alguns documentos importantes da curia romana e da nunciatura, muito honrosos para o revd.mo prelado d'aquella diocese, o sr. D. José Alves de Mariz. Desde ha muito admiradores das virtudes e merecimentos do sr. D. José Alves de Mariz, illustre filho de Coimbra, folgamos com as provas de alta consideração que recebe o illustre prelado da diocese brigantina.

— Os incansaveis emprezarios do theatro de D. Luiz acabam de contractar a companhia de Cyriaco de Cardoso, do Porto, para dar n'aquelle theatro quatro recitas com as melhores operas do seu repertorio, sendo a primeira no proximo dia 1 de maio. É de esperar que o publico de Coimbra concorra áquelles espectaculos não só porque a companhia é hoje uma das primeiras no seu genero, mas tambem para compensar os muitos sacrificios que a empreza do theatro ultimamente tem feito. A assignatura está aberta na Casa Havaneza e na alfaiataria Miranda da rua do Infante D. Augusto, tendo os srs. subscriptores das quatro recitas 10 por cento de abatimento.

— O jardim botanico da Universidade permutou sementes durante o anno de 1888 com 62 jardins, 3 horticultores estrangeiros e 2 nacionaes. Na premutação destribuiu pelo correio 1:876 pacotes e recebeu em troca plantas de 25 jardins.

— Falleceu o mais antigo creado dos hoteis de Coimbra. N'esta cidade ninguem deixava de conhecer o José Macaco. Era popularissimo o seu nome; de muitas sympathias entre a academia e por isso a sua individualidade figurou por vezes em muitos folhetins e revistas. Foi typo de fidelidade e honradez, muito estimado dos hospedes nas casas onde servia.

— Foi habilitado a ensinar cegos a ler e escrever pelo methodo Branco Rodrigues n'esta cidade, o sr. Dias Guerreiro de Varzea de Goes.

O tempo vae mau.—Continua a baixa barometrica de 5 a 7 millimetros com diminuição de temperatura e vento pelo quadrante SW com alguma chuva. As pressões mais fortes ainda se conservam sobre a Madeira e as mais fracas estão ao N. da França, estendendo-se na direcção do SW até ao interior da Peninsula.

Naufragio.—No dia 10, pelas 2 horas da tarde, entrou arribado na ilha de S. Miguel o vapor inglez *Missouri*, a fim de receber mantimentos e deixar 734 pessoas que salvou. Pela declaração do capitão consta o seguinte:

No dia 6 de abril, pelas 4 horas da tarde, avistou um vapor na longitude 40° 6 W latitude pedindo soccorro. Approximando-se viu uma massa compacta de gente a bordo d'esse vapor, acenando com os lenços e n'um estado afflictivo; e tratando de averiguar a causa por meio de signaes, porque o muito mar não os deixava aproximar, soube que o navio em que se dava o sinistro era o vapor dinamarquez *Danmark*, procedente de Christiansund, com destino a New-York, da lotação de 2482 toneladas, capitão Christian B. Knudsen, e que trazia a seu bordo 79 pessoas de tripulação e 655 passageiros. Este vapor trazia já 12 dias de viagem, e na occasião em que vinha na sua marcha regular, a muita vaga fez partir o veio do helice, ao centro da camara de ré; e continuando a machina a andar, o veio deslocado com a sua evolução foi partindo tudo o que encontrou, até chegar ao casco, aonde tinha já feito um rombo, mettendo o vapor grande quantidade de agua.

A tripulação, com auxilio de todos os passageiros, ainda tratou de ver se podia esgotar a agua com as bombas de bordo, fechando aquella caixa, e ainda conseguiu isto, dando tempo para que toda a tripulação e passageiros passassem para bordo do *Missouri*, mas esta passagem teve de ser feita por meio de cabos de vae-vem, por o mar não deixar chegar os botes ás escadas, e d'esta *fórma foram içadas para este* vapor 734 pessoas, sendo 530 homens 54 creanças e 150 mulheres. De toda a tripulação e passageiros do vapor *Danmark*, apenas morreu o 1.º engenheiro, Peter Kaass, que, na occasião em que ia ver a causa do sinistro, foi apanhado pelo helice, que o esmagou completamente. Para compensar esta morte, no meio da afflicção duas passageiras tiveram os seu bom successo, escapando as creanças, que eram o enlevo de toda a gente a bordo.

O capitão do vapor *Missouri*, depois de ter salvo toda a gente, ainda quiz ver se podia trazer a reboque o outro vapor e ainda o fez por 20 horas, mas no dia immediato a agua foi invadindo as outras caixas do vapor e teve immediatamente de o largar, indo a pique tres minutos depois. Outra lucta teve o capitão do *Missouri*, e foi não ter a bordo mantimentos para toda aquella gente, e por isso procurou ver qual era o primeiro porto em que podia arribar para se abastecer dos comestiveis necessarios, e deixar parte d'aquella gente, porque não tinha espaço a bordo, e assim o fez; e com a maior regularidade foi distribuindo as comedorias até que, exactamente no dia em que entrou em S. Miguel, se tinha esgotado tudo que havia a bordo.

O vapor *Missouri* vinha de Londres e seguia para Philadelphia com uma importante carga. E' da lotação de 1:858 toneladas, e trazia a bordo 38 tripulantes. E' seu capitão o sr. A. Munnell. O capitão teve necessidade de deitar parte da carga do navio ao mar, para melhor poder acommodar as mulheres e creanças debaixo da coberta. O vapor dinamarquez *Danmark*, que foi a pique, levava carga para New-York no valor approximado de 80:000 libras e estava seguro em diversas companhias de Copenhague. Apenas o vapor chegou a S. Miguel, os agentes os srs. Bensaude & C.ª, o consul da Dinamarca, e Victoriano Sequeira trataram de ver se arranjava quartel e comida para toda aquella gente, e poderam conseguir do capitão do vapor *Missouri* que elle transportasse para Philadelphia, porto para onde se destinavam, 334 pessoas, sendo estas unicamente as mulheres e creanças, ficando aquartellados, n'uma casa que o sr. conde de Fonte Bella pôz á disposição d'aquelles cavalheiros, toda a tripulação do vapor que foi a pique, e o resto dos passageiros. A comida é abonada pelo consul e é feita no hospital da Misericordia. Espera-se brevemente um vapor, que os conduzirá ao seu destino.

As narrações feitas pelos naufragos fazem horror, pois contam que, durante a sua derrota até áquelle dia, não tinham visto no caminho um só navio, e portanto tinham perdido todas as esperanças de salvação. A bordo era um côro geral de lamentações dos desgraçados que esperavam a todo o momento ver submergir o vapor. Calcule-se, pois alegria de todos quando, depois de terem visto tão perto a morte mais horrorosa descobriram no horisonte as velas do navio salvador.

O capitão do vapor inglez *Missouri* foi, durante a viagem até S. Miguel, o idolo de todos os passageiros, sendo d'uma inexcedivel amabilidade e franqueza para com os naufragos, digna de registar-se, chegando a desalojar-se do seu camarim e a dormir sobre a coberta, para o ceder ás senhoras. Por isso na sua estada em S. Miguel foi cumprimentado por quasi todas as auctoridades e particulares, que o foram abraçar a bordo. O nome do bravo capitão inglez, A. Munnell, deve, pois, ficar gravado em lettras de oiro nos annaes dos salvadores da humanidade.

Um desastre na bahia d'Equimina; victimas.—O facto conta-se do seguinte modo:

A barca baliera americana *Sea-Fox* estava fundeada n'aquella bahia a fazer aguada e a metter lenha, quando chegou á bahia dos Elephantes a canhoneira *Vouga*, conduzinde a seu bordo o governador de Benguella, sr. Gomes Coelho, que ia regular umas questões entre pescadores da costa e mucuandos.

Na fazenda de Equimina encontrou-se o governador com o capitão da barca, e tendo este manifestado grande empenho em mostrar-lho e a Bastos Pina os modernos apparelhos empregados na pesca da baleia, resolveram ambos visitar o navio, no dia seguinte (1.º de março), ás 2 horas da tarde. N'esse dia e a essa hora estava o governador ainda convalescente de uma febre que o atacou, durante a noite, e por isso Bastos Pina, vendo-o a dormir tranquillamente, não o quiz acordar e partiu só, salvando-se assim providencialmente o sr. Gomes Coelho de uma morte horrorosa. Quaddo Bastos Pina chegou á barca, encontrou a bordo Domingos Barrinha, mestre do hiate *Flôr de S. José II*, e ambos, a convite do capitão, desceram á camara com o 3.º piloto, para tomarem Kirsh.

Iam todos fumando, excepto Bastos Pina, que levava o cigarro prompto mas ainda apagado. Ao accendel-o, já dentro da camara, quiz a fatalidade que o fosforo, ou alguma particula de tabaco incandescente, fosse cahir dentro de uma caixa com 20 libras de polvora que, explosindo matou instantaneamente o capitão, Domingos Barrinha e o criado da camara, deixando em estado gravissimo Bastos Pina e o 3.º piloto que só falleceram na manhã do dia seguinte, e muito mal foridos cinco tripulantes, que, felizmente, á sahida do paquete, estavam livres de perigo, embora ainda em tratamento no hospital de Loanda.

As providencias ordenadas pelo *governador foram promptas e acertadas* e, graças ao bom serviço da marinhagem do *Vouga*, sob o commando do tenente Sá, salvou-se o navio do incendio que ameaçava destruil-o ficando ainda assim a camara completamente deteriorada.

Os mortos foram: Antonio de Bastos Pina, casado, natural de Cêa, de 50 annos de idade.

O capitão da barca *John* N. Holmes, subdito americano, natural de New Belford, casado, de 45 annos. Domingos Machado Barrinha, natural de Olhão, solteiro, de 30 annos de idade. Domingos Barbosa, 3.º piloto da barca, natural da ilha de S. Thiago de Cabo Verde, solteiro, de 29 annos de idade; e o criado da camara José Fernandes, natural da ilha Brava, solteiro, de 17 annos.

Os feridos, que felizmente escaparam, são: Charles Eqeaw, Daward Garro, John Peters, José Lourenço e Severino Gonçalves.

Foram enterrados os mortos em covas em linha, orientadas segundo o rumo N. W.—S. E. ao norte das habitações da fazenda, ficando sepultado na primeira o capitão Holmes, na immediata Domingos Barrinha, na seguinte o criado José Fernandes e na ultima o 3.º piloto Domingos Barbosa, a oeste d'estas sepulturas e a pequena distancia, ficou enterrado Bastos Pina.

O navio tinha a bordo 600 barris de azeite, perto de 4:000$000 reis em ambar gris, e uma boa porção de barbas de baleia; depois de soffrer os concertos indispensaveis, deve ter partido para Loanda, onde espera um novo capitão que o consul americano pediu telegraphicamente para New-Bedford.

Concursos parochiaes.—Em virtude de resolução superior se declara aberto concurso, na conformidade do artigo 13.º do decreto de 2 de janeiro de 1862 (publicado no *Diario de Lisboa* n.º 4 do dito anno), para provimento das igrejas parochiaes constantes da relação seguinte:

Aldeia da Povoa (S. Miguel), concelho de Moura, diocese de Beja.

Aljubarrota (S. Vicente), concelho de Alcobaça, diocese de Lisboa.

Avellãs de Caminho (Santo Antonio), concelho de Anadia, diocese de Coimbra.

Condeixa a Velha (S. Pedro), concelho de Condeixa Nova, diocese de Coimbra.

Figueiró do Campo (S. Thiago Apostolo), concelho de Soure, diocese de Coimbra.

Freixedas (S. Martinho), concelho de Pinhel, diocese da Guarda.

Mascovellos (S. Vicente), concelho de Guimarães, diocese de Braga.

Pereiro (Santo Amaro), concelho de Carrazeda, diocese de Bragança.

Quintos (Santa Catharina), concelho de Beja, diocese de Beja.

Souto (Santa Maria), concelho de Guimarães, diocese de Braga.

Tabueira (S. Marcos), concelho de Castro Verde, diocese de Beja.

Travassós (S. Thomé), concelho de Fafe, diocese de Braga.

Valdujo (Nossa Senhora da Consolação), concelho de Trancoso, diocese da Guarda.

Villa da Igreja (Nossa Senhora da Graça), concelho de Sattam, diocese de Vizeu.

Villa Franca das Naves (Nossa Senhora dos Prazeres), concelho de Trancoso, diocese da Guarda.

Villa Nova do Souto de El-rei (S. Sebastião), concelho de Lamego, diocese de Lamego.

Guilherme II.—Um despertador de presente.—Do actual imperador da Allemanha conta-se a seguinte curiosa anedocta: «Em principios do corrente mez, apresentou-se o imperador Guilherme n'um quartel de cavallaria, ás seis horas da manhã. A tropa estava formada, faltando apenas o official que havia de dirigir o exercicio. O imperador esperou um quarto d'hora. Porém o official só appareceu passado outro quarto de hora, isto é, ás seis e meia horas. Guilherme II não disse nada, assistiu ao exercicio, fez algumas observações, e, contra o seu costume, ausenta-se sem apertar a mão do official commandante e sem lhe dirigir uma unica palavra. Este julgou-se perdido e considerou terminada a sua carreira. O imperador não brinca com estas cousas, e não deveria demorar-se em castigar o culpado. Comtudo, por esta vez, levando em conta as excellentes notas do official, Guilherme II não quiz mostrar demasiada severidade, e passadas poucas horas o culpado recebeu da parte do imperador um magnifico despertador. O commandante dos dragões não estava perdido, mas estava avisado. O despertador vale uma terrivel ironia para um pundonoroso official do exercito allemão. Os despertadores militares são os clarins e os tambores.

O bebedo.—Na Suecia, diz um jornal da capital, ia-se tornando por tal forma epidemica a peste das bebedeiras, que o governo adoptou ultimamente o seguinte processo de exterminação: o individuo que é encontrado bebedo é mettido na cadeia e sustentado a sopas de vinho.

No primeiro dia o bebedo encontra-se no reinado d'Astréa, no segundo dia não lhe sabem muito bem as sopas, nos outros dias até ao oitavo é tal a repugnancia ao manjar que nem o pode ver, nem sentir o cheiro. Se o preso resiste ao remedio sahe da cadeia completamente curado.

Convém aplicar a *receita* aos *doentes* de cá, a ver se assim se curam.

A mulher nos Estados-Unidos.—As ultimas eleições municipaes que se realisaram nos *Kansas foram um verdadeiro triumpho* para as mulheres, que, como é sabido, teem, nos Estados-Unidos, não só o direito de votar como o de serem eleitas. Nas ultimas eleições foram ellas as vencedoras, derrotando quasi todos os candidatos. Para se formar uma ideia do que seria aquella campanha, bastará dizer que em Cottonwood-Falls o conselho municipal ficou todo composto de mulheres, sendo presidente Mistress Minnie Morgan!

Um colosso... á véla.—Parece que entramos em um periodo em que as artes e as industrias tentam rivalisar com as da civilisação do Egypto; os colossos apparecem de quando em quando, deixando boquiabertos os povos e os proprios homens de sciencia. Está sendo construido em Glasgow um navio de vela colossal, que terá o nome de *France*.

Pesará 6:158 toneladas, terá cinco mastros de ferro, de comprimento 390 pés, de largura 38 1|2 pés e de altura 31 pés.

O ESCANDALO QUE REVIVE

O *Economista* descreve nos seguintes termos o escandalo de que o sr. Fuschini deu conhecimento á camara na sempre memoravel sessão de terça-feira:

«Duas surprezas tivemos hoje na camara dos deputados: uma foi-nos proporcionada pelo sr. Fuschini, illustre deputado da opposição, outra pelo **actual** *clarim de guerra* do partido regenerador, o sr. Manuel Pinheiro Chagas. Falaremos d'ambas, que ambas são dignas de especial registo e menção, principalmente a primeira, que nos parece não ter exemplo nos annaes dos escandalos praticados pelo poder executivo, contrariando os legitimos interesses do paiz.

Comecemos pela primeira, não só pela ordem porque se deu, mas por ser a mais e muito importante.

O sr. Fuschini annunciou ao governo uma interpellação sobre o caminho de ferro de Lourenço Marques e pediu para examinar na secretaria da marinha os documentos relativos a este assumpto. Annunciando esta interpellação referiu-se a dois impressos enviados de Londres a varios deputados e de que aliás opportunamente démos noticia, mas acompanhando a referencia de esclarecimentos graves, que nos haviam escapado e que passamos a descrever a largos traços:

No contrato primitivo com o snr. Mac-Murdo para a construcção do caminho de ferro de Lourenço Marques havia sido ommittida qualquer estipulação ácerca da limitação das tarifas. O sr. Chagas esquecera-se d'esse ponto importante, e portanto a questão tornára-se litigiosa. N'um dos documentos lidos pelo sr. Fuschini, que era uma carta do sr. Mac-Murdo ao sr. Barros Gomes, o concessionario de Lourenço Marques em 4 de outubro de 1888, dizia que em **5 de maio de 1885** a secretaria da marinha, por ordem do ministro, lhe respondera *que nenhuma duvida havia na não interferencia do governo no negocio das tarifas*... **como era expressamente estipulado nos estatutos approvados por decreto de 10 de maio de 1884.**

Assim o sr. Pinheiro Chagas affirmava ou mandava affirmar o *contrario* do que se lia nos taes estatutos!

O sr. Fuschini, continuando, mostrou que na reforma dos estatutos, *feita depois* da declaração de 5 de maio de 1885, é que appareceu a clausula que fazia conta ao sr. Mac-Murdo!

Essa reforma dos estatutos foi publicada nos primeiros dias de 1886 no *Diario do Governo*.

Os estatutos de 1884 e de 1885, confrontados, porque nos démos ao trabalho de fazer a confrontação, mostram o que se vae ver, para edificação do paiz e para **gloria** do *clarim do partido regenerador*, da actualidade.

MAIO DE 1884	DEZEMBRO DE 1885
Artigo 4.º — Os seus fins são:	Artigo 4.º — Os seus fins são:
1.º Obter as concessões que o governo portuguez, pelos citados decreto e contracto de 14 de dezembro de 1883, fez ao dito Edward Mac-Murdo:	1.º Obter as concessões que o governo portuguez, pelos citados decreto e contracto de 14 de dezembro de 1883, fez ao dito Eduardo Mac-Murdo, do direito exclusivo da construcção e exploração do designado caminho de ferro, COM O DIREITO DE FIXAR E MODIFICAR AS TARIFAS SEM INTERVENÇÃO DO ESTADO; do direito exclusivo da construcção e exploração das linhas telegraphicas ou telephonicas annexas e das pontes, caes e dokas, linhas fluviaes e obras necessarias para a exploração e desenvolvimento do trafico do mesmo caminho de ferro; de todos os terrenos do estado que deverem ser ocupados pela linha e respectivos edificios, bem como de todas as madeiras que estiverem sobre os mesmos terrenos, de metade dos terrenos n'uma zona de 500 metros para cada lado do eixo do caminho de ferro em secções alternadas; do 100 mil hectares de terrenos baldios nos districtos de Lourenço Marques e Inhambane, á escolha da empreza, com o direito de exploração de minas e outras riquezas, livre de qualquer imposto; de uma superficie de terreno de 1 kilometro quadrado junto ao *terminus* da linha para construcção de caes e estação; de uma porção de terreno n'uma das ilhas da bahia de Lourenço Marques, para construcção de depositos e armazens; do direito de extrahir das florestas todas as madeiras e materiaes necessarios, etc., etc.
Do direito exclusivo da construcção e exploração do designado caminho de ferro, CONSTRUCÇÃO EM QUE O CONCESSIONARIO FICA SOLIDARIAMENTE RESPONSAVEL COM A COMPANHIA:	
Do direito exclusivo da construcção e exploração das linhas telegraphicas ou telephonicas annexas, e das pontes, caes e dokas, linhas fluviaes e obras necessarias para a exploração e desenvolvimento do trafico do mesmo caminho de ferro;	
De todos os terrenos do estado que deverem ser occupados pela linha e respectivos edificios, bem como de todas as madeiras que estiverem sobre os mesmos terrenos;	
De metade dos terrenos n'uma zona de 500 metros para cada lado do eixo do caminho em secções alternadas;	
De 100:000 hectares de terrenos baldios nos districtos de Lourenço Marques e Inhambane á escolha da empreza, com o direito de exploração de minas e outras riquezas, livre de qualquer imposto;	
De uma superficie de terreno de 1 kilometro quadrado, junto ao terminus da linha para construcção de caes e estação;	
De uma porção de terreno em uma das ilhas da bahia de Lourenço Marques, para construcção de depositos e armazens;	
Do direito de extrahir das florestas todas as madeiras e materiaes necessarios, etc., etc.	
2.º Crear e explorar quaesquer emprezas que a direcção julgue conveniente para o melhor aproveitamento e resultado d'aquellas concessões, ou de outras que com ellas tenham relação.	
Assim:	
Nos velhos estatutos onde se lia:	*consentiu o sr. Chagas que se escrevesse, em substituição nos novos estatutos:*
CONSTRUCÇÃO EM QUE O CONCESSIONARIO FICA SOLIDARIAMENTE RESPONSAVEL COM A COMPANHIA	COM O DIREITO DE FIXAR E MODIFICAR AS TARIFAS, SEM INTERVENÇÃO DO ESTADO!

Os decretos que approvam estes estatutos são os seguintes:

Tendo a companhia do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal submettido á approvação do governo a reforma dos seus estatutos approvados por decreto de 14 de maio de 1884;

Considerando que esta reforma foi approvada em sessão da assembléa geral, constituida na conformidade da disposição do art. 37.º dos ditos estatutos:

Hei por bem approvar os novos estatutos da companhia do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transvaal, sociedade anonyma de responsabilidade limitada, os quaes constam de dez capitulos e quarenta artigos, e se acham reduzidos a escriptura publica, que deverá ser publicada na conformidade da lei.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar assim o tenha entendido e faça executar. —Paço, em 7 de janeiro de 1886—REI—*Manuel Pinheiro Chagas.*

(*Diario* n.º 7 de 11—1—86.)

Determinando o art. 51 do contracto approvado por decreto de 14 de dezembro do anno findo, para a construcção do caminho do ferro de Lourenço Marques á fronteira do Transvaal que os concessionarios ficavam obrigados a constituir, no praso de scis mezes, a contar da data da assignatura do dito contracto uma sociedade anonyma, com a séde em Lisboa, para a execução dos fins do mesmo contracto, devendo os estatutos ser approvados pelo governo, sem embargo da lei de 22 de junho de 1867, e a empreza ser portugueza para todos os effeitos; e provando-se pela escriptura publica assignada em 12 do corrente mez nas notas do tabellião d'esta cidade, Joaquim Barreiros Cardoso, haver sido cumprida a clausula contida no mencionado art. 51.º do contrato: hei por bem approvar os estatutos da companhia «caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transvaal», sociedade anonyma de responsabilidade limitada, que constam de dez capitulos e quarenta e oito artigos, e se acham reduzidos a escriptura publica, que deverá ser publicada na conformidade da lei.

O ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e ultramar o tenha assim entendido e faça executar.—Paço, em 14 de maio de 1884. —REI—*Manuel Pinheiro Chagas.*

(*Diario* n.º 112 de 17—5—84.

A exposição do sr. Fuschini produziu profunda sensação na camara, como era de esperar, e nós não fômos dos que menos admirados ficámos, visto como nunca tinhamos confrontado os dois estatutos, porque realmente nunca imaginámos que tal cousa se ousasse fazer. Mas fez-se, e as consequencias ahi estão.

O sr. Fuschini declarou que tinha lido umas poucas de vezes os documentos para se convencer do testemunho dos seus olhos. Outro tanto nos aconteceu.

Nunca imaginámos que a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques tivesse no seu seio d'estas proezas inauditas!

Mas tem-n'ai, e ainda mal.

Eis a primeira surpreza.

Vamos á segunda: foi ella o discurso do sr. Chagas.

Vae falar o *Dia*, cuja auctoridade não póde ser suspeita para o orador, porque fez rasgados e aliás merecidos elogios, ao illustre director d'essa folha:

«Foi muita gente á camara dos deputados para o ouvir, e naturalmente para vêr o governo *fugir*. Apinharam-se as galerias das senhoras, que não tiveram medo da *bernarda* annunciada, talvez por ella ser do mesmo sexo. A' porta da galeria publica houve algum borborinho, á hora da entrada, causado pelo apertão, mas não chegaram a incommodar-se os srs. commissarios de policia, que tinham ido vigiar a *hydra* desdentada. O sr. Pinheiro Chagas começou a fallar ás 4 horas e 10 minutos, e logo reconheceu, como para desmentir os seus correligionarios da imprensa, que fôra por motivo normal que não houvéra sessão na terça-feira passada. Depois passou a responder ás accusações feitas pelo sr. Marianno de Carvalho ás administrações regeneradoras, considerando essas accusações como um processo de defeza, a que o ex-ministro da fazenda se soccorrera, por não poder empregar outro mais conveniente. Em abono d'este seu modo de vêr, citou e commentou um artigo do *Dia*, ás vezes com graça, mas sempre com má fé.

«A' hora em que escrevemos ainda o orador continua a tratar da justificação do seu partido. O seu discurso não tem sido notavel sob nenhum aspecto. Nem argumentos nem *tropos*. O sr. Pinheiro Chagas parece ter renunciado á sua habitual fórma brilhante, mas não a substituiu por coisa alguma. Por emquanto, os amadores da rhetorica estão desapontados; as senhoras não reconhecem o *rouxinol das salas;* os proprios regeneradores mostram-se esmorecidos com o seu *clarim de guerra*, como elles lhes chamam.»

E acabou, apenas mais esfalfado do que quando começara, e tendo-se-lhe esgotado até a graça!

O que fez o sr. Chagas? Contradisse-o o sr. Franco Castello Branco, negou o sr. Lopo Vaz: estes buscaram demonstrar que a responsabilidade politica do pagamento da divida, julgada pelo tribunal de contas e homologada pelo conselho d'Estado, era *só* da responsabilidade do governo — o sr. Chagas lançou a culpa exclusiva do facto ao sr. Marianno que já não é ministro e que aliás toma inteira e completa responsabilidade do acto! O sr. Lopo Vaz e o sr. Franco Castello Branco buscaram, por todas as fórmas, posto que não o conseguissem, sustentar que na lei de Maio de 1885 se não continha a auctorisação para este pagamento: o sr. Chagas sustentou que essa auctorisação lá estava mettida *sobrepticiamente*, mas estava; dando assim solemne desmentimento aos seus recentes correligionarios! Até provou que sabia onde estava a *outra metade*, porque affirmou que em os credores refilando o dente aos liquidatarios, estes cediam: ora se cediam, e pagavam, era por que tinham com que, e por tanto explicado ficou pelo sr. Chagas o enigma que ha tanto o preoccupa a elle e aos seus amigos!

E foi esta a nossa segunda surpreza. O sr. Chagas queixou-se de que o sr. Marianno fosse argumentar com factos, cujos documentos escapavam ao exame dos deputados! Que ingenuidade! Pois a opposição não teve 3 dias uteis para correr ás secretarias e exigir que lhe mostrassem esses processos? E seria isso necessario? Não se referiu, em regra, o sr. Marianno de Carvalho a documentos que devem existir nos processos do julgamento das contas pelo respectivo tribunal? Parece-nos que sim. Logo porque não foi a opposição vêr todos esses documentos, quando teve todo o tempo para isso?

O sr. Chagas tambem fez o favor de se referir varias vezes ao nosso director: «encontra-o em *toda a parte*»: encontra-o é verdade, mas muitas vezes embaraçando-lhe o caminho: quando o sr. Chagas cantava a aria da *politica do serralho;* quando collaborava na *Salamancada*, na concessão do *caminho* de ferro de Torres Vedras e Cintra ao sr. Burnay: — no negocio de Lourenço Marques, e em muitos outros pontos onde cada um tem estado do lado opposto. O nosso director, porém, nunca duvidou dos recursos do paiz, nem um só instante fez côro com os *calumniadores de Antuerpia* e espera em Deus não mudar nunca de feitio.

A sessão acabou desanimada: a todos doía o peito do sr. Chagas, que mal já podia fallar. E se não tem dado a hora, a vaidade do illustre folhetinista politico, dava-lhe cabo da saude.

No largo das côrtes, uns illustres desconhecidos deram uns ridiculos vivas ao sr. Chagas! Pela proeza de Lourenço Marques, desmascarada pelo sr. Fuschini? Pela fórma como contradisse manifestamente os srs. Lopo Vaz e Franco Castello Branco?

Elles lá o sabem.»

Vejam por isto o que os regeneradores fizeram no poder, que agora pretendem de novo alcançar, mas inutilmente.

Não commentamos.

CARTA DE LISBOA

25 DE ABRIL DE 1889.

Foi muito notavel o discurso do sr. Barros Gomes na sessão de terça-feira. O illustre ministro, depois de destruir pela base todos os argumentos da oposição, concluiu por affirmar, que o governo está forte e que não será em presença de vagas declamações que a opposição ha-de conquistar o poder. O sr. Barros Gomes terminou dizendo «que o governo não receiava que se protelasse o debate, pois não tinha receio de cair, tendo por si todos os elementos de vida constitucional. Aconselhava, porém, á opposição, que se entregasse a assumptos mais interessantes, como a analyse do orçamento, o hospital para alienados; o saneamento da capital. O orador enumerou diversos projectos que o governo tencionava apresentar, declarando que não podia prescindir do relativo ao porto de Leixões, convenientemente modificado.» Estas affirmativas respondem á letra aos que ha pouco affirmavam que havia crise—«porque o ministro da fazenda queria sair do gabinete». Vive d'esperanças a pobre da opposição serpacia.

— Os trabalhos do congresso caminham bem e no melhor accordo, pois que as ideias dos jurisconsultos dos dois ptizes se combinam quasi irmãmente. Ante-hontem chegou mais um congressista hespanhol notavel, o sr. D. José Maria Roiz. Os trabalhos da assembleia hão-de ser publicados por completo e quando o forem dar-lhe-ei detida noticia d'elles.

— Verificou-se hontem o sarau em honra dos congressistas. O palacio em que está estabelecido o ministerio dos negocios estrangeiros e que, como todos sabem, pertence á casa Palmella, tem salas magnificas, vastas e primorosamente decoradas. Quatro d'essas salas povoaram-se hontem de pares, deputados, negociantes, jornalistas, altos funccionarios publicos, convidados pelo sr. ministro da justiça para se lhe associarem n'uma homenagem aos membros estrangeiros do *Congresso juridico*. A sala de baile foi destinada *ao jogo de cartas e ao fumo; na de* jantar armou-se o bufete; e em outras duas, que costumam servir ás recepções do corpo diplomatico, conversou-se animadamente até alta noite. Não havia senhoras, e faltava musica. A concorrencia era numerosa. Do governo sstavam os srs. presidente do conselho e ministros da guerra, das obras publicas, dos estrangeiros e da justiça. Bastantes membros do parlamento, e entre elles os srs. Julio de Vilhena, Couto Monteiro, Manuel da Assumpção e outros regeneradores conspicuos; o sr. ministro de Hespanha; o sr. presidente da camara dos deputados; alguns directores da Associação Commercial de Lisboa; representantes de quasi todos os jornaes lisbonenses; muitos juizes e advogados. E todos estes convidados se esmeraram em rodear de attenções os congressistas hespanhoes, que lhes corresponderiam com primorosa cortezia. Todos elles são homens distinctissimos. A's 10 horas e meia serviram-se gelados, e ás 11 horas e meia abriu-se a sala do bufete, opulentamente fornecido pela casa Rosa Araujo.

— Parece que para a vaga de juizes da Relação do Porto, aberta pelo fallecimento do desembargador Cypriano José de Seixas e pela transferencia do sr. Andrade para a Relação de Lisboa, serão nomeados os srs. Vasco Leão e Fragateiro, que está na disponibilidade e serviu ultimamente na

comarca da Villa Nova de Famalicão. Para a vaga aberta na Relação de Lisboa affirma-se que ha varios pretendentes entre elles os srs. Alfredo Seabra, Affonso da Costa, conde d'Aurora e José Maria da Costa. Para juiz da ilha do Pico indigita-se o sr. Pinto Rezende. Para a vaga deixada na Povoa de Varzim pela promoção do sr. dr. Meirelles Leite, dá-se como certa a transferencia do sr. Abel Abreu, juiz de Cabeceiras de Basto, e para esta comarca aponta-se o dr. Souza Vilhena, juiz presidente do tribunal administrativo de Vianna. Para a vaga aberta por este ultimo magistrado, indica-se desde já o actual delegado de Vianna, dr. Francisco Pereira.

Consta que um dos pretendentes do logar de juiz de Cabeceiras de Basto, caso se realise a transferencia a que acima me referi, é o dr. Arriscado, juiz do tribunal administrativo de Vianna.

— Terminou hontem a inspecção ao ramal de Alfarellos feita pela commissão de engenheiros do governo, srs. Tavares Trigueiros, Adolpho Loureiro, e Affonso Vargas. Acompanharam a commissão o engenheiro fiscal do governo sr. Anastacio de Carvalho e o director da circumscripção hydraulica sr. Luciano de Carvalho, e por parte da companhia real o engenheiro sr. Vasconcellos Porto e sr. Lobo d'Avila. O ramal tem a extensão de 17 kilometros e liga a linha do norte, partindo da estação da Ameira a entroncar na estação de Alfarellos, com uma estação intermedia em Verride. Tem cinco pontos metallicas, sendo duas de 10^m, duas de 15^m e uma sobre o rio Soure com 120^m em tres tramos. Fizeram-se as provas de todas estas pontes, cuja construcção foi effectuada pela casa Fives-Lille. Em breve vae começar a construcção do ramal de concordancia d'esta linha com a da Figueira no sentido d'esta cidade, afim lhe estabelecer o serviço directo com Coimbra.

— Parte proximamente para o Porto o sr. Camillo Castello Branco. O illustre escriptor não vae melhor dos seus padecimentos.

— Foi apresentada a el-rei a creancinha de Loures, que salvou outras com heroismo. Sua magestade recebeu-a muito bem e deu-lhe seis libras. A rainha, que tambem se interessa com effusão pela sorte d'essa rapariguita mandou-lhe dizer que a receberia n'outro dia e que contasse com o seu auxilio.

— O barytono portuguez Francisco d'Andrade obteve grande successo em Berlim, cantando o *Barbeiro de Sevilha*, com a celebrada Van-Zandt. Um correspondente fallando do successo obtido pelo notavel barytono, diz que a parte de Figaro *nunca foi cantada em Berlim* como por Francisco d'Andrade, o que importa uma grande honra para o notavel artista.

— Mais um infortunio. Maria Augusta é uma pobre rapariga de 17 annos de edade, que vi na terça-feira n'um calabouço do governo civil para onde tinha sido levada por um guarda fiscal que lhe lançou a mão, quando ella, no auge do desespero corria para se lançar ao mar, da ponte do caminho de ferro do sul e sueste, no Terreiro do Paço. A pequena foi mandada vir da sua terra, no concelho de Tondella, pela mãe, que a pôz a servir n'uma casa. Não agradando o seu serviço, a pobre rapariga foi despedida ha de haver dois mezes. Naturalmente foi bater á porta da mãe, Josepha Paes, que vive para ahi amancebada; mas esta, em vez de a recolher, disse-lhe que não queria uma bocca a mais em casa e que fosse ganhar a vida conforme podesse. Banida pela mãe, foi recolhida por caridade em casa do sr. José d'Almeida, guarda-freio, d'onde escreveu a seu pae para a vir buscar; mas como este lhe não respondêsse e como não encontrasse casa para servir e apenas se lhe deparassem offerecimentos que desprezou, preferindo a morte á deshonra, para se livrar d'esta correu voluntariamente para aquella. Oxalá que encontre quem a proteja, visto que não póde contar com os seus naturaes protectores. A pobre rapariguita causa dó. Chora, lamenta-se e recusa tomar o alimento que pela policia lhe tem sido offerecido. Tudo quanto tinha de roupas e insignificantes adornos de ouro, tudo vendeu para comer. Esgotados os ultimos cinco réis, pretendeu suicidar-se. E' realmente triste similhante desespero e abandono aos 17 annos, mas é nobre e edificante mesmo o procedimento da pobre rapariga. O dos paes é horrivel!

— Continua a policia a descobrir contrabando humano. A policia do porto capturou hontem, a bordo do vapor inglez *Sorata*, um individuo que pretendia seguir viagem clandestina para o Brazil, apresentando um passaporte em nome de José Luiz. Confrontados os signaes, acho[illegible] a differença de 10 centimetros r[illegible]a, e os restantes bem duvidos[illegible] novamente interrogado, dec[illegible] recebido o passaporte da mão [illegible]al José Martins Vieira, de Gondo[illegible], e que nunca tinha sido me[illegible] repartição alguma. Foi remett[illegible] primeiro districto criminal.

— Para o sane[illegible] da capital o governo vae pr[illegible]ertura d'um credito extraordi[illegible] 50:000$000 para a construc[illegible] collector de esgotos.

— Promet[illegible]endidas este anno, em Coi[illegible]tas da Rainha Santa. Sã[illegible] expensas do sr. Miguel Os[illegible]avalheiro, estando muito [illegible]no esteve, fez o voto de, me[illegible]alisar os festejos todos á [illegible]

— O bole[illegible] laboratorio municipal de microbiologia de Barcelona, pertencente a 31 de março de 1889, dá noticia de terem sido praticadas 439 vaccinas anti-rabicas, das quaes 90 foram realisadas em pessoas mordidas por animaes cuja raiva foi reconhecida experimentalmente no laboratorio—107 em pessoas mordidas por animaes cuja raiva foi affirmada por certidões de medicos ou de veterinarios, e as outras pessoas mordidas por animaes suspeitos de hydrophobia. De todas estas pessoas apenas uma falleceu. Tambem 110 cães foram inoculados, não tendo succumbido nenhum. Quando terá o nosso paiz um instituto rabico? Podendo-se então substituir o barbaro systema da extincção dos cães pela inoculação, que os torne indemnes ao terrivel morbo? E' possivel que Abeokuta ou qualquer outra cidade barbara obtenha essa instituição, muito antes que Portugal. Parece incrivel que por tal modo se tenha descurado aqui tão importante assumpto.

— Inaugurou-se ha dias na capital franceza um curioso estabelecimento, que se intitula o *Paiz das fadas*, na Avenida Rapp, que promette ser um dos actrativos dos visitantes da exposição. Vêem-se ahi reconstituidos os contos de Perrault. Um theatro onde se admiram varias pantomimas, as mysteriosas grutas de Ali-Baba, com as suas riquezas, o castello do Barba Azul, o moinho do gatto de botas, etc. O que parece entretanto ser mais curioso, é o celebre Elephante Agal, no ventre do qual dança a bella Feridjé. No vasto recinto da exposição, os trabalhos seguem com extraordinaria rapidez. Uma das secções mais adiantadas é a ingleza. Na galeria das machinas encontram-se já installados numerosissimos apparelhos. Uma das secções que decerto chamará a attenção do publico é a dos motores a gaz. Na torre Eiffel, na segunda plataforma, uma machina especial, fará mover o prelo que o *Figaro* ahi fez installar para a tiragem da sua *idition* especial. Na exposição dos vidros e chrystaes, figurando dois enormes espelhos, um de vidro bruto e outro de vidro pallido, que medem mais de 8 metros e 20 de altura por 4 metros e 75 de largura. A secção hespanhola está ainda em bastante atrazo. A secção portugueza tem-se adiantado muito e fica explendida. Trabalha-se agora alli com gosto e com actividade que não se excede. E' positivo.

— Ha dias que andam correndo na imprensa, em telegrammas e noticias, boatos de tentativa d'assassinio contra o imperador da Russia. Estes boatos teem sido desmentidos pela imprensa official de S. Petersburgo; mas o *Times* de ante-hontem publica um telegramma confirmando que o incidente das bombas de Zurich deu em resultado a descoberta d'uma vasta conjuração nihilista, a qual tinha por fim principal assassinar o Czar durante as festas da Paschoa. O mesmo jornal confirma a noticia, hontem desmentida, da cumplicidade de grande numero de officiaes d'artilheria.

— Com a subida da temperatura em França, melhorou alli consideravelmente o estado dos campos, fazendo prever, as noticias vindas de todos os lados, que haverá este anno uma boa colheita. Telegrapham de New-York que a colheita nos Estados-Unidos promette ser muito satisfactoria.

Y.

SECÇÃO PARLAMENTAR

CAMARA DOS DIGNOS PARES

Sessão de 24 de abril

Presidencia do sr. João Chrisostomo de Abreu e Souza. Abriu-se a sessão á 1 hora da tarde.

Leu-se e approvou-se a acta da ultima sessão.

O sr. Thomaz Ribeiro perguntou se o governo, apenas soube do regresso do explorador Augusto Cardoso a Quilimane, ordenou ao major Serpa Pinto que voltasse a occupar na camara o seu logar de deputado.

Tambem desejou saber o que continha a carta de *prego* que levou o sr. Serpa Pinto.

O sr. ministro da marinha respondeu que o sr. Serpa Pinto tinha portido dias antes do sr. Augusto Cardoso regressar a Quelimane, o que o governo não podia prevenir.

Que o sr. Serpa Pinto, convidado pelo governo, se promptificou voluntariamente a partir em soccorro do explorador Augusto Cardoso que se julgava perdido, e que por isso não houvera violencia contra um deputado.

Que não mandava recolher o sr. Serpa Pinto porque elle levou instrucções para firmar o nosso dominio na margem occidental do lago Nyassa.

O sr. Thomaz Ribeiro replicou, dizendo que o unico dominio possivel no largo Nvassa só se poderia estabelecer expulsando de lá os poderes inglezes.

O sr. ministro da marinha disse que se firmava o nosso dominio avassalando os regulos.

Que não pediu licença á camara para a partida do sr. Serpa Pinto porque o parlamento estava fechado.

A camara resolveu prolongar este incidente.

O sr. Thomaz Ribeiro censurou que fossem contratados Candins, que são maus, para acompanhar o sr. Serpa Pinto.

Disse que o melhor a fazer da Africa seria o estabelecimento de estações civilisadoras, elogiando este pensamento o sr. Julio Vilhena.

O sr. Costa Lobo referiu-se aos artigos publicados pelo *Times* que diziam que o sr. Augusto Cardoso era um aventureiro, e outro em que a Companhia Ofir declarava estar nas melhores relações com o governo portuguez, em opposição a uma carta assignada por Costa Ricei recommendando cautella aos subscriptores.

O sr. ministro da marinha disse que o explorador Augusto Cardoso fôra encarregado da missão officialmente. Quanto á Companhia Ofir disse que consultaria a procuradoria da corôa sobre o arrendamento perpetuo que a antiga companhia de Moçambique queria fazer.

Declarou que até sabia correrem uns prospectos para a exploração de minas que não tinham sido concedidas.

Usaram ainda da palavra os srs. Moreira de Rei e Thomaz Ribeiro, acabando a sessão ás 5 horas menos um quarto.

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS

Sessão de 23 d'abril

Presidencia do sr. Francisco de Barros Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Borges Cabral. Abriu-se a sessão ás 3 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. João Arroio fez notar o facto de nunca ter deixado de haver sessão por culpa da opposição.

Disse que na ultima terça-feira comparecera numero sufficiente de srs. deputados para a camara poder funccionar. Segundo uma proposta approvada em 1885, as sessões d'aquella camara podem abrir com a quinta parte do numero total de deputados. Ora, na terça-feira esteve presente numero superior á quinta parte.

Accentuou este facto, dizendo que o sr. presidente da camara era o responsavel por não ter havido sessão.

Respondeu-lhe o sr. presidente da camara, que disse que se não houvera sessão fôra devido ao facto de já haver passado a hora regulamentar para a abertura da camara, e não por causa de não estar presente numero legal de deputados.

O sr. Ferreira de Almeida fez ainda algumas considerações sobre o assumpto.

Tratou depois da situação da provincia do Algarve, dizendo que tem sido abandonada, e pediu que ali fossem feitas algumas obras de utilidade publica.

Perguntou a rasão porque ainda não fôra aberta á exploração a linha ferrea do Algarve.

O sr. ministro das obras publicas respondeu que havia recebido representações dos povos do Algarve pedindo a abertura d'essa linha. Por esse motivo nomeara uma commissão para estudar se a linha estaria em condições de ser aberta.

Que a commissão fôra de parecer que a abertura e exploração da linha iriam prejudicar e demorar os trabalhos do 3.° troço. Achou portanto preferivel o adiar a abertura da linha para quando as obras estiverem totalmente concluidas.

O sr. Dantas Baracho instou pela remessa dos documentos que pedira ao ministerio da guerra na sessão de 10 de janeiro passado.

Referiu-se ainda ao facto de não ter havido sessão na terça-feira ultima, e lançou a responsabilidade sobre a maioria.

O sr. presidente apresentou á camara a representação dos commerciantes de vinhos do Porto, protestando contra o novo contracto feito entre o governo e a Companhia Vinicola do Norte.

A camara resolveu que essa representação fosse enviada ás commissões de agricultura e fazenda e mandada publicar no *Diario do Governo*.

O sr. Augusto Fuschini tratou da questão das tarifas do caminho de ferro de Lourenço Marques ao Transwaal.

Disse parecer-lhe, segundo se vê de varios documentos que leu á camara e commentou, que o concessionario d'aquella linha tem o amplo direito de fixar as tarifas, não podendo o governo intervir em cousa alguma.

O sr. ministro da guerra mandou para a meza duas propostas de lei: a primeira, fixando em 30:000 homens a força do exercito em pé de paz no anno de 1889-90; e a outra, fixando em 13:350 o numero dos recrutas do contingente do exercito, armada, e guardas municipal e fiscal, no anno de 1889.

ORDEM DO DIA

Continuação da interpellação sobre o pagamento dos 406 contos

O sr. Pinheiro Chagas referiu-se á declaração do sr. José Luciano de Castro, de que esta era uma questão ampla e aberta, dizendo que era para estranhar que não houvesse sessão na terça-feira. No entanto estava convencido de que fôra casual a falta de numero de deputados e de que não houvera proposito de interromper a discussão.

Disse que o sr. Marianno de Carvalho não fizera senão atacar a opposição.

Christo já fizera o mesmo a respeito da mulher adultera, dizendo que quem estivesse innocente atirasse a primeira pedra; mas Christo empregára este argumento por não ter outro.

Que o sr. Marianno de Carvalho fizera uma retaliação contra Fontes Pereira de Mello, que está morto, e contra Antonio de Serpa, que tem assento na outra camara. Além d'isto, estes factos são anteriores á sindicancia de 1879 e se a sindicancia os não condemnou foi porque os não achou condemnaveis.

Disse que os regeneradores tambem podiam fazer retaliações, perguntando o que os progressistas fizeram do producto de cinco emprestimos, não obstante o augmento da divida fluctuante. Os regeneradores, porem, não querem entrar n'esse caminho, mas apenas mostrar qual foi o systema de defeza seguido pelo sr. Marianno de Carvalho.

Entrando no assumpto, pediu a directa responsabilidade do governo, porque, segundo julga, o sr. Marianno de Carvalho já fôra castigado como politicamente podia ser.

Disse que o ministerio, conservando-se no poder, não tem logica nem nobreza, e sustentou que o sr. Marianno de Carvalho não sahira voluntariamente do ministerio.

Estranhou que o sr. Luciano de Castro, apesar de dizer que o pagamento fôra correcto, diga tambem que não tratara nunca pessoalmente com os liquidatarios.

Estranhou tambem que, depois da declaração verbal do sr. Vicente Monteiro ao ministro, este se não apressasse a perguntar á commissão de fazenda se pensava do mesmo modo que o seu relator.

Referiu-se ás accusações dos progressistas contra o sr. Vicente Monteiro depois da publicação da primeira carta d'este, parecendo assim que o governo tinha desejo de que o negocio corresse em segredo.

Disse que o sr. presidente do conselho deve publicar a sua resposta á carta do sr. Vicente Monteiro.

Estranhou que o sr. Marianno de Carvalho dissesse aos crédores de D. Miguel que só lhes podia pagar mediante uma lei que o auctorisasse a isso, pagando comtudo 441:000$000 só com a base de um aviso regio, que precisava da legislação das côrtes.

Disse que, apesar de haver uma sentença auctorisando o pagamento como dissera o sr. Marianno de Carvalho, o sr. Luciano de Castro dissera aos liquidatarios que requeressem ás côrtes o pagamento. Acha este procedimento contraditorio.

Como désse a hora, foi em seguida encerrada a sessão.

(As galerias tiveram grande concorrencia de pessoas).

—

Sessão de 24 de abril

Presidencia do sr. Coelho e Campos; secretarios os srs. Francisco Medeiros e Alpoim Cabral. Abertura da sessão ás 3 horas da tarde. Acta approvada.

O sr. Luiz José Dias referiu-se novamente á falta de postos fiscaes em Monsão.

Instou pelos documentos que já havia requerido pelo ministerio da justiça.

O sr. Francisco José Machado pediu ao sr. presidente para que influisse a commissão de fazenda a dar parecer sobre o projecto de lei apresentado em 1883, reintegrando na actividade do serviço o coronel do exercito da India o sr. João Antonio Xavier S. Telles.

Fez varias considerações demonstrando ter sido injustiça o reformar aquelle official que não pediu reforma e que se acha apto para o serviço.

Sobre este assumpto fallou o sr. barão de Combargua, em apoio das palavras do sr. Francisco José Machado, que ainda apresentou um projecto de lei auctorisando a camara municipal de Baião a desviar do cofre de viação a quantia de reis 10:000$000 para a construcção dos paços do concelho, reparação da cadeia e outras obras.

O sr. Sebastião da Nobrega apresentou um projecto de lei creando um officio de tabellião de notas no concelho de Vagos.

O sr. Abreu Castello Branco referiu-se novamente ao modo como são tratados no Lazareto e na alfandega de Lisboa os passageiros vindos das ilhas.

ORDEM DO DIA

Continuação da interpellação sobre o pagamento dos 406 contos

O sr. ministro da fazenda (Barros Gomes) notou que o discurso do sr. Pinheiro Chagas fôra totalmente opposto no sentido aos discursos dos srs. Lopo Vaz e Franco Castello Branco, porisso que o orador a principio se preoccupára mais com os discursos d'aquelles ultimos deputados, parecendo responder aos pontos principaes em que tocaram.

Os precedentes em que se baseára o sr. Marianno de Carvalho, longe de serem inadmissiveis como o entendeu o sr. Pinheiro Chagas, estão de perfeita harmonia com o assumpto, mostrando que o governo era obrigado a pagar aquella divida dos tabacos. De resto, o governo tratava de apropriar-se de um direito exclusivo das fabricas de tabacos em vista da lei da *régie*.

O governo devia, portanto, pagar aquella conta porque estava incluida, segundo julga, na lei. Os pagamentos para expropriações das fabricas e áquelles a quem se devia de direito, reverteram unicamente a favor do estado.

Fez rasgado elogio ao talento do sr. Marianno de Carvalho, attribuindo á sua excellente tactica administrativa a enorme subida dos fundos portuguezes em todas as praças estrangeiras onde são cotados.

Concluiu o seu discurso dizendo que o sr. Pinheiro Chagas, no seu discurso, mostrou bem que o assumpto estava gasto.

Pediu á camara que se occupasse de assumpto mais importante para o paiz.

Disse que o governo estava forte e que seguia todas as indicações constitucionaes.

Tornava-se de urgente necessidade olhar pela questão financeira e discutir-se o orçamento retificado.

Declarou que não póde prescindir da proposta de lei relativa ao porto de Leixões, embora essa proposta tenha de ser modificada, afim de depois resolver a grave questão do caminho de ferro de Salamanca em que estão compromettidos tantos capitaes.

Disse que o governo apresentará ainda na actual sessão propostas de lei para o saneamento de Lisboa, augmento da nossa marinha de guerra e resolução da questão cerealifera, assumptos estes que elle, orador, reputa bem mais importantes do que aquelle de que a camara agora se occupa.

Em seguida foi encerrada a sessão.

COMMUNICADOS

A VERDADE NO ASSASSINATO

UM PROCESSO TUMULTUARIO E DE FAVOR

Fozcôa, 25 de abril.

Causa assombro e indignação, sr. redactor, o modo como a imprensa portuense e a da capital tem desvirtuado a verdade dos factos occorridos no assassinato commettido na noite de quarta-feira de trévas na pessoa do infeliz Silvano pelo chefe da estação Claudino d'Aguilar.

Parece incrivel que se diga que o assassino foi barbaramente espancado pelo assassinado e que só depois de muito aggredido despedira o tiro *para o ar com o fim de o amedrontar.*

Onde estão, pois, os ferimentos, os espancamentos, as aggressões, ou as offensas corporaes? Apresenta, porventura, o corpo do criminoso o mais leve ferimento, a não ser uma pequena contusão n'um hombro, talvez arranjada *ad hoc* ou mesmo proveniente da queda que deu quando commetteu o crime? Se, porventura, o assassinado aggredisse o assassino com a bengala que trazia, é possivel que o corpo d'aquelle apresentasse enormes contusões, pois que a bengala era encimada por uma massa de chumbo coberto de guita e que esmagaria fatalmeute o objecto sobre que incidisse. Além d'isto, se o assassinado desejasse aggredir o assassino não lhe pediria satisfações publicamente, a toda a hora e deante de cavalheiros respeitabilissimos.

Quando na loja do sr. Ferreira entrou o assassino, a victima dirigiu-se-lhe obsequiosamente e de *senhor* pedindo-lho que a acompanhasse pois desejava pedir-lhe uma satisfação ácerca da correspondencia que elle assassino ultimamente publicára no *Districto da Guarda* contra elle assassinado, e que este trazia no bolso. Como lhe respondeu o assassino? A sua resposta não foi insolente e atrevida *e de tu?* Foi, como era sempre. Basta dizer-se que em todas as questões dos dois adversarios, a victima ficava sempre maltratada e o assassiuo vangloriava-se de ter partido a sua bengala nas costas da victima e mostrava o rewolver a quem desejava vêl-o.

Além d'isto, sr. redactor, havia premeditação, havia a declaração franca e publica do assassino na perpetração do crime. Fomos nós uma das pessoas a quem elle disse uma e muitas vezes que tencionava dar um tiro na testa ao assassinado, como fez, e ainda no dia do crime ouvimos tambem da bocca do actual juiz de direito esta mesma declaração. Basta dizer-se isto para destruir pela base todas as declarações do réu e todas as declarações da imprensa. São sermões de encommenda, não admira.

O facto de o assassinado ter cahido ferido exactamente á porta de seu thio abbade, mostra claramente que elle ia em direcção d'essa casa e não no encalço do assassino, como se quer dizer. Além d'isto, se houve pancadas ou bengaladas, como se explica que ninguem ouvisse essas pancadas ou bengaladas, tendo o assassinado cahido ferido á porta d'um estabelecimento onde havia gente? Como se explica o ter essa gente sahido para fóra, só depois dois minutos d'ouvida a detonação do tiro? Será crivel que a gente que estivesse n'esse estabelecimento, se ouvisse as pancadas, não acudisse ao local d'onde ellas partiam? Ouvimos dizer que o distribuidor Menezes, testemunha suspeita por ser empregado subalterno do assassino, declarára no seu depoimento que ouvira essas pancadas.

Parece incrivel tanto descaramento e protecção a um assassino.

Qual a razão porque essa testemunha, sendo interrogada pela familia do fallecido, quando se deu o acontecimento, de que elle deveria saber quem era o assassino, respondeu que nada tinha visto? Como se explica que a mulher d'esta testemunha apenas ouviu a detonação e viu o ferido, disse para o marido que era seu primo que tinham matado? Não ha, por ventura, mais testemunhas, que estando no mesmo estabelecimento não ouviram nada, como nada ouviu nem viu o sr. Menezes? Não se deve jurar falso nem encobrir um assassino que tinha premeditado o crime.

Eis aqui demonstrado que não houve provocação absolutamente alguma da parte do assassinado, mas sim intenção de matar da parte do assassino. E agora, sr. redactor, convem que se saiba como tem corrido este processo—convem que se saiba que não ha justiça para punir os criminosos e assasinos, mas ha justiça para os proteger, como passo a demonstrar.

Apenas o administrador do concelho remette para juizo o auto d'investigação e a sua participação, é logo interrogado o assassino, lavrando-se auto de perguntas e em que elle deu testemunhas. Porventura o réu devia ser ouvido n'esta altura, em que ainda não se admitte defeza? Não era regular e legal, apenas houve conhecimento do acontecimento em juizo, ter-se intimado o pae da victima para declarar se desejava ser parte no processo? Era regular e legal, mas não se fez; não se fez porque ha a protecção descarada para com o assassino. Foi necessario, sr. redactor, que o pae do fallecido, decorridos dias, apresentasse o seu requerimento em que desejava ser parte querellante no processo.

Alem d'esta protecção descarada, ha outras. As testemunhas que o réu indicára no auto de perguntas foram inquiridas juntamente com as indicadas pelo administrador do concelho. Será isto legal e fazer justiça? Não se mostra quanto é grande e descarada a protecção que se quer dar ao réu, inquirindo-lhe testemunhas de defeza para se lhe dar fiança?!

Ainda mais. Na querella dada pelo ministerio publico figuram como testemunhas as dadas pelo réu no mesmo auto de perguntas e uma ou outra menos importante das dadas pelo administrador do concelho.

O ministerio publico, que deve accusar, defende, e tanto defende que a testemunha principal Antonio Augusto d'Almeida, eliminou-a da querella para dar logar a outras que vão defender o réu. Isto não se acredita. Não ha segurança individual nem castigo de criminosos!

Continuaremos.

Um seu assignante.

SECÇÃO LITTERARIA

UMA AVENTURA

Aqui vae uma historia que tem as condicções de qualquer aventura verdadeira,—parece mentira; os amadores de casos historicos, todavia, podem entergar-nos sem escrupulo toda a sua confiança.

Levou um aeronauta, uma tarde, um só companheiro de viagem. Era um particular abastado, que pagara por quarenta libras a parte que lhe cabia nos perigos da expedição. O tempo estava favoravel. O balão subiu rapidamente a uma grande altura.

— Que effeito lhe produz? perguntou o aeronauta ao seu companheiro.

— Nenhum,—respondeu este laconicamente.

— Dou-lhe os meus parabens! É o senhor o primeiro que vejo chegar a uma altura similhante sem se affligir!

— Suba mais, disse o viajante.

O aeronauta deitou fóra um porção de lastro; o balão subiu cincoenta metros mais.

— E agora, bate-lhe o coração?

— Nada! respondeu o companheiro em tom impaciente.

— Diacho! O senhor realmente tem vocação para aeronauta!

O balão trepava sempre. A cem metros mais de altura, o francez interrogou pela terceira vez o companheiro.

— E agora?

— Nada! Nada! Nem sombra de medo! resmungou o viajante como homem que passa por uma decepção.

— Pois meu rico, não sei que lhe faça! disse o aeronauta rindo; tenho *de renunciar ao prazer de lhe metter* um susto. O balão chegou a uma sufficiente altura, vamos descer.

— Descer!

— Está claro. Haveria perigo em subir mais.

— Deixal o haver. Descer é que eu não quero!

— Que?

— Digo-lhe que quero subir mais, muito mais, incomparavelmente mais. Dei quarenta libras para ter sensações fortes, e não havemos de descer sem eu as sentir!

O aeronauta poz-se a rir, pensando primeiro que era graça.

— Quer subir ou não quer? perguntou o viajante, agarrando-lhe as goellas e sacudindo o violentamente. Que fez vossê das minhas sensaçoes? Ponha-me para aqui as minhas sensações, immediatamente.

Conta o aeronauta que n'esse momento se sentiu perdido. Lêra uma novidade horrivel nos olhos esgazeados do seu companheiro de viagem:—estava a contas com *um doido!*

E vão lá convencer um doido, ou pedir auxilio ás nuvens!

Ainda, se o pobre homem tivesse uma arma, encontrava-se em legitimo caso de defeza, por fim de tudo; mas ninguem se previne com um par de pistolas para uma viagem de balão; não se esperam ruins encontros no meio dos astros!

A terra estava a quinhentos metros. Uma queda medonha em perspectiva! e o menor movimento do doido podia fazer virar a barca.

O aeronauta com o sangue frio que ganhara em muitas expedições audaciosas, fez todas essas reflexões no espaço de um segundo.

— Ah! vossê cassoou comigo! proseguia o doido. Apanhou-me as quarenta libras para não me dar sensações!... Pois eu agora é que me estou divertindo! Vossê é que ha de pagar as dividas!

O doido era dotado de uma força muscular prodigiosa; o outro não tentou mesmo defender-se.

— Que quer de mim, homem? perguntou-lhe em tom submisso.

— Quero vêl-o dar uma cambalhota! disse o doido a rir. Mas primeiro, (uma idéa pareceu sorrir-lhe) quero ir lá acima procurar sensação. Deixe pôr-me a cavallo no semi-circulo!

O doido designava com um dedo a parte superior do balão. Dizendo isto, poz-se a marinhar pelas cordas que prendiam o bote á machina aerostatica. O aeronauta que não tremêra por amor de si, não póde deixar de estremecer por amor d'elle.

— O desgraçado, vae matar-se, terá uma vertigem!

— Não quero observações! redarguiu o doido, agarrando-lhe no pescoço. Senão atiro-o por ahi fóra!

— Ao menos, dê licença, deixe-me atar-lhe uma corda pela cintura para ficar preso ao balão.

— Vá lá! replicou o doido, que pareceu perceber a utilidade da precaução.

Feito isto, trepou o doido pelas cordas, leve como um cabrito. Chegou ao cimo do balão; poz-se a cavallo, conforme dissera; soltou um grito de triumpho e tirou uma faca da algibeira.

— Que vae o senhor fazer? perguntou o aeronauta, receioso que elle quizesse furar o balão.

— Por-me á vontade!

Em seguida, cortou a corda de segurança que o outro lhe atara. Se um pé de vento agitasse a machina, o infeliz iria rolar no vacuo. O aeronauta fechou os olhos para não o vêr. O doido batia palmas, não cabendo em si de contente, e principiou a agitar as pernas como quem mettia esporas ao balão.

— E agora, bradava, agitando a faca, agora é que se vae vêr! Ah! salteador, quizeste que eu descesse! És tu que vaes descer, bandido, e descer de catrapuz! Olha!

O aeronauta não teve tempo sequer de fazer um movimento, de soltar uma palavra. Antes de adivinhar a intenção infernal do doido, este, agil como um macaco, cortou tres, quatro... das cordas que tinham o bote suspenso. O barco inclinou horrivelmente, apenas preso a duas amarras, por um fio, como costuma dizer-se.

O que valeu ao aeronauta foi agarrar-se ás amarras que ficaram.

A faca do doido approximava as ultimas cordas; um momento mais, e estaria tudo perdido.

— Uma palavra! gritou o aeronauta.

— Nada! Hade levar-te a brecca! vociferava o doido.

— Não é para pedir misericordia; ao contrario.

— Então que queres agora? redarguiu o doido admirado.

— N'este momento, estamos a uma altura de mil e quinhentos metros.

— Boa patuscada! dizia o doido rindo, hade saber bem saltar de tão alto!

— É muito baixo ainda!

— Qué? perguntou, pasmado o doido.

— Tal qual. A minha experiencia tem-me ensinado que um salto d'esta altura nem sempre é mortal. Queda por queda, antes quero morrer do que ficar estorpiado. Concede-me isto apenas, não me precipites senão a tres mil metros de altura; sim?

— Está dito! diz o doido, a quem a idéa de uma queda mais aterradora sorriu gratamente.

Immediatamente, o outro cumpre a sua promessa. Deita fóra uma quantidade de lastro immensa, o balão toma um poderoso impulso e sobe duzentos metros no espaço de alguns segundos.

Unicamente, e em quanto o doido observa esta operação com ar ameaçador, o aeronauta trata de executar outra em sentido contrario. Notára que entre as cordas que o doido havia deixado, estava a corda da valvula, adaptada na parte superior do balão para deixar sahir o excesso do gaz hydrogeneo. Formou o seu plano. Puchou a corda, abriu a valvula, e o resultado não se fez esperar. A pouco e pouco o doido adormentou-se, asphixiado insensivelmente pelos vapores do gaz.

Assim que o viu sufficientemente asphixiado, o aeronauta deixou descer o balão.

Terminara o drama.

Chegados a terra, não conservou rancor ao doido; tratou logo de lhe restituir a vida, para o conduzir ligado de pés e mãos—á authoridade.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 22

Mappas dos registos e depositos de marcas de fabrica e commercio effectuados nos mezes de janeiro e fevereiro do corrente anno.

Diario de 23

Aviso aos possuidores de bonds do thesouro de 3 por cento de 1859, para a entrega de novas folhas de coupons.

CORREIO DE LISBOA

26 DE ABRIL DE 1889.

A questão de Lourenço Marques agrava-se. Os documentos que existem na secretaria, os que o sr. Fuschini examinou já e os que se vão publicando, comprommettem bastante o governo transacto, e mais especialmente o que fôra ministro da marinha da situação cahida. Veremos o que o caso produz. Não produzirá nada, por que o governo progressista é demasiadamente... inoffensivo e generoso.

— Foi hontem recebida, ás 2 horas da tarde, no paço d'Ajuda, por S. M. El-Rei, a commissão que ante-hontem partiu do Porto afim de vir reclamar contra o contracto celebrado entre o governo e a Companhia Vinicola do Norte. Esta commissão, como se sabe, é composta dos srs. Henri Murat, dr. Carlos Meneres, João Ribeiro de Mesquita, José Pereira da Costa Junior e John Andressen, representantes do commercio de vinhos,—Carlos José da Silva e Dicksons Tage, representantes da Associação Commercial,—e Ezequiel Vieira da Costa e José Antonio Ferreira, representantes do Centro Commercial. A representação apresentada a El-Rei tem por fim «Lembrar a S. M. que o commercio do Porto continua esperando as promessas feitas por El-rei quando recebeu a commissão que veio reclamar contra o primitivo contracto, substituido por outro que aggravou o mal e que por ser mais iniquo e illegal a commissão pede que seja annullado. O commercio continua confiando na palavra dada por El-Rei, e espera que as suas promessas sejam cumpridas pelo governo. A esta representação, que foi lida pelo sr. José Pereira da Costa Junior, estando junto de El-Rei o sr. ministro do reino, respondeu S. M: «Recebo a representação e recommendarei ao meu governo que faça o que fôr de justiça». Esta resposta foi immediatamente telegraphada para o Porto. A commissão faria serviço mais limpo pedindo francamente a queda do governo. Instrumentos conscientes da politica, as pessoas que os descontentes aqui mandam procederiam mais nobremente se pedissem francamente a El-Rei que demitisse os seus actuaes ministros. Em assumpto politico nunca se viram disparates de tal ordem. O que se está praticando provém unicamente dos sabios bestuntos dos Arroyos e Moreiras da Fonseca, instrumentos cegos da Serpia insofrida e tola. Por tal caminho nada conseguirão. E' positivo.

— Tendo Suas Magestades manifestado desejo de conhecer o methodo de leitura e escripta para cegos, foi hontem ao Paço o sr. Branco Rodrigues mostrar a Suas Magestades os resultados obtidos pelo seu novo systema de ensino. Acompanhou-o um seu discipulo cego, que escreveu com presteza diante de Suas Magestades, e leu com rapidez bastantes phrases. Tanto Sua Magestade El-Rei, como Sua Magestade a Rainha observaram com muito interesse, durante um demorado exame, o novo processo de ensino, e leram algumas paginas escriptas por cegos. Suas Magestades admiraram a simplicidade do systema e a vantagem que tem sobre todos os outros, até hoje conhecidos, porque com elles os cegos pódem communicar-se com as pessoas que teem vista. Suas Magestades reconheceram a necessidade da divulgação de tão util quão humanitario ensino. Sua Magestade El-rei assegurou ao sr. Branco Rodrigues, que ia mandar tomar as providencias necessarias para que se propague em todo o paiz aquelle methodo, afim de que todos os cegos possam apprender a ler e a escrever.

— A ex.ma sr.a D. Maria Emilia de Castro, esposa do sr. presidente do conselho, enviou á eschola de artes e officios ou officina de S. José, estabelecida no andar terreo do Paço de S. Vicente, a esmola de 54$550, percentagem de 10 p. c. do producto das entradas dos espectaculos da *Metempsychose*, dados nas salas da redacção do *Commercio de Portugal*.

— Chega ámanhã a Lisboa o sr. arcebispo de Mylhilene, governador geral do patriarchado. O virtuoso prelado regressa da sua casa d'Espinhel, onde foi passar as festas da paschoa com seus venerandos paes, e vem governar durante a ausencia do sr. patricha, que partiu para Roma.

— O sr. visconde de S. Januario foi elevado á cathegoria de conde. E' uma graça devida.

— A commissão que representou aqui os commerciantes do Porto regressa hoje áquella cidade, creio que desapontada tanto por effeito do modo por que a opinião a recebeu aqui, como pelo que ouviu ao seu representante na camara de que faz parte, pois que o sr. Arroyo foi d'uma infelicidade pasmosa. Um jornal da tarde, fallando do grande homem, diz:

. . . .

«Entrou-se em seguida na ordem do dia, tendo a palavra o sr. Arroyo, que fez um discurso muito *patusco*, puchando á gargalhada».

E aqui teem o que fez o grande homem! E é o *Dia* que falla assim.

— Foi hontem assignado o decreto que manda proceder a um novo inquerito para bem se conhecerem tanto as condições das nossas industrias, como a situação material e moral dos nossos operarios. E' uma medida de muito alcance e de impreterivel necessidade para se dar prompto desenvolvimento á riqueza publica. O acto satisfaz geralmente, e o governo prova, por este modo, quanto se interessa pelo bem estar das classes operarias.

— E' positivo que a sr.a duqueza de Bragança está de novo no seu estado interessante.

— O sr. escrivão Pires, do 2.º districto criminal, acompanhado do sr. Luiz de Castro, chanceller do consulado de Hespanha, apprehendeu hontem, na rua da Santissima Trindade, em casa d'um dos socios da firma Oliveira & Costa, estabelecida com loja de armador e estufador na rua da Trindade n.os 19 e 23, uma secretária com embutidos de madeira de côres e adornos de bronze doirado a fogo, avaliada em vinte mil pesetas, e que faz parte d'uma mobilia completa de sala, feita em Barcelona no anno de 1854, expressamente para a então rainha de Hespanha, D. Izabel II, que a ajustou por noventa e oito contos de réis. A secretária apprehendida, e que hoje mesmo foi entregue ao sr. Luiz de Castro para a enviar para Madrid, faz parte d'um litigio que dura ha 25 annos, e no qual se tem gasto alguns contos de reis. Achava-se em Lisboa desde 1885, em poder da referida firma Oliveira & Costa, para ser vendida á commissão, tendo já obtido offertas valiosas por ser d'um trabalho verdadeiramente notavel, pois que só a mão de obra importou em mais de dois contos de réis. Consta que existem em Lisboa algumas cadeiras que fazem parte da mesma mobilia, e cuja apprehensão é tambem pedida pelo governo hespanhol, assim como se procura um estojo, contendo sete chaves de prata, cada uma d'ellas com uma inicial, formando Izabel II.

— O sr. José Maria dos Santos, deputado regenerador, grande proprietario, no Alemtejo principalmente, foi ha dias corrido á pedra pelos seus trabalhadores, por ter estranhado que tivessem feito pouco serviço n'uma propriedade sua n'um certo decurso de horas. O facto tem significação pouco agradavel.

— Do dia 1 de maio em diante o apeadeiro das Quintãs, proximo d'essa cidade, fica sendo a estação da linha ferrea entre Oliveira do Bairro e Aveiro.

— A exposição de Paris promette ser um acontecimento secular. A' capital de França chegaram já trinta soldados norte-americamos, afim de tomarem parte na abertura da exposição. Esperam-se soldados mexicanos. Com a chegada de productos para a exposição, nota-se um movimento extraordinario. Todos os animos estão alli litteralmente absorvidos pela festa do dia 5 de maio.

— No mez de março findo, o real de agua rendeu em Lisboa 7:147$062 réis, mais 2:132$956 do que em igual mez do anno passado; no Porto rendeu 3:834$335 reis; em Aveiro, 1:220$649; em Coimbra, 2:931$330, sendo mais 159$919 do que em igual periodo do anno findo; e em Vianna do Castello, 3:202$547, mais 1:705$380 do que no mesmo mez de 1888. Prova isto que, ou o consumo foi maior, ou que houve mais zelo da parte dos empregados fiscaes.

— Verificou-se hoje no ministerio das obras publicas o concurso para a arrematação da 2.a empreitada geral de estradas do districto de Vizeu. A base de licitação era a quantia de reis 492:000$000. Compareceram dezenove licitantes, que offereceram varia las propostas, mas a mais vantajosa de todas foi a feita pelo sr. João Bento de Carvalho, que se offereceu para construir a referida empreitada geral pela quantia de 431:999$000 reis, abatendo assim ao preço da licitação a quantia de 60:100$000, que é, 12,19 p. c.

— O *Diario* publica hoje as condições do contracto para o fornecimento do papel para sellar. O fornecimento será posto em praça no dia 14 de maio, ao meio dia, na sala das arrematações do ministerio da fazenda.

— Logo que se fechem as camaras sua Magestade El-Rei irá fazer uzo de banhos nas Caldas da Rainha.

— N'uma das proximas sessões da camara electiva foi apresentado um projecto para a creação d'um logar de tabellião de notas no julgado de Vagos, d'essa comarca.

— Effectuaram-se os seguintes despachos de fazenda:

O sr. Francisco Manuel da Silva Bastos, official da repartição de fazenda de Santarem, nomeado escrivão de fazenda de Coruche.

O sr. Augusto da Silva Maia, escripturario de fazenda de Gaya, transferido para Carrazeda de Anciães.

O sr. Manuel Lopes Monteiro, aspirante da repartição de fazenda de Braga, aposentado.

O sr. Albino Gomes Vianna, escripturario em Portalegre, transferido para Bouças.

O sr. Manuel Rodrigues de Andrade Castello Branco, escripturario no Crato, transferido a seu pedido para Portalegre.

O sr. Isidoro de Almeida Matta, escripturario em Castello de Vide, transferido para o Crato.

Foi confirmada a nomeação do sr. Francisco Antonio de Miranda e Souza para solicitador em Lisboa.

Foi concedida licença de 60 dias ao sr. José Martins Pereira, escrivão do julgado municipal de Mortagua; e foi concedida authorisação ao sr. dr. Abilio Xavier Pereira dos Santos, curador geral dos orphãos em Lisboa, para gozar 18 dias de licença anterior.

O sr. Manuel Zeferino Gonçalves Maciel foi nomeado agronomo subalterno; e o sr. José Bernardo Junior, nomeado regente agricola da estação ampelo-phyloxerica do norte. Y.

—

A' ultima hora.—O discurso do sr. Arroyo na camara dos deputados, deixou a perder de vista quanto ha de mais baixo no mundo politico. Proferiu taes obscenidades, que as senhoras que estavam nas galerias começaram a sahir. Os cavalheiros do Porto que alli se achavam, sahiram vexados com os improperios proferidos pelo seu representante. Nunca se viu dizer no parlamento tanto. Muitos deputados regeneradores estavam envergonhados e sahiram para os corredores. O systema parlamentar ficou ainda mais despertigiado. O partido a que pertence tal deputado não póde mais ser governo, porque a opinião publica não o toleraria. Quando acabou de fallar as galerias estavam vasias. A indignação é geral. A maioria dos deputados de todos os partidos abandonaram a sala. O sr. Arroyo nunca foi tão inconveniente.

— O partido regenerador é positivamente um partido morto. E' gravissimo o facto que agora se descobre sobre a negociata do caminho de ferro de Lourenço Marques. As importantes revelações que os documentos denunciam tornam aquelle partido réu do crime mais abominavel que póde praticar-se—a traição á patria. Lisboa está absorta com o facto que agora se esclarece. N'esta desgraçada questão parece que é grande a responsabilidade do grupo republicano, e o seu silencio, em face do que se apresenta, mais o compromette. Tudo se esclarecerá, mas no que todos concordam já é, em que o partido regenerador é, para a vida publica, um partido morto. Esta questão é a que absorve hoje todas as attenções, pois que a importancia d'ella põe de lado todas as outras. Desgraçado partido que com tão grande responsabilidade carrega.

O conselho d'Estado reuniu-se para tratar a questão, que talvez venha a produzir uma séria complicação internacional. A opposição serpacia está desalentada e compromettida, já sem voz e sem auctoridade.

— Acaba de fallecer o sr. Antonio José Viale, lente jubilado do curso superior de letras.

— O sr. Frederico Palha vai pedir a concessão de um caminho de ferro, via reduzida, de Esmoriz por Mangualde a Villa da Feira, Vouzella e Vizeu. Y.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

CONTRA A TOSSE

Auctorisada pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

XAROPE PEITORAL JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Phormacia-Franco & Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retrato e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de uuho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmachia e Dorgaria Medicinal de Ribeiro Junior.

PILULAS DE BLANCARD
DE IODURETO DE FERRO INALTERAVEL

NOVA-YORK — Approvadas pela Academia de Medicina de Paris, Adoptadas pelo Formulario official francez, Autorisadas pelo Conselho medico de São-Petersburgo. — PARIS — 1853 — 1856

Estas pilulas, em que achão-se reunidas as propriedades do **Iodo** e do **Ferro**, convêm especialmente nas doenças tão variadas que são a consequencia do germe escrofuloso (*tumores, enfartes, humores frios*, etc.), doenças contra as quaes os simples ferruginosos são inefficazes; na **Chlorosis** (*pallidez das meninas não menstruadas*), a **Leucorrhea** (*fluores brancos* ou *fluxo alvo*), a **Amenorrhea** (*Menstruação nulla ou difficil*), a **Tisica**, a **Syphilis constitucional**, etc. Emfim, offerecem aos medicos um agente therapeutico dos mais energicos para estimular o organismo e modificar as constituições lymphaticas, fracas ou debilitadas.

N. B. — O iodureto de ferro impuro ou alterado é um medicamento infiel, irritante. Como prova da pureza e authenticidade das verdadeiras **Pilulas de Blancard**, exija-se o nosso sello de prata reactiva, o timbre da *Union des Fabricants* e a nossa assignatura aqui juncto. [illegible]

Pharmacᵉ em Paris, rue Bonaparte, 40
DESCONFIE-SE DAS FALSIFICAÇÕES

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emprega-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis una colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunche* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda nas principaes pharmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

E esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL 'SINGER'

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

MULLA

VENDE-SE n'esta cidade uma excellente mulla de tiro e sella, mestra e de corpo. Quem a pretender póde fallar no escriptorio d'esta redacção que aqui se lhe dirá onde póde ser vista e com quem se póde tratar do seu ajuste.

GARGANTA
VOZ e BOCCA
PASTILHAS DE DETHAN
Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções da Voz, Inflammações da Bocca. Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Snrs. PREGADORES, PROFESSORES, e CANTORES para lhes facilitar a emissão da voz.
PREÇO: 600 REIS.
Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN. Phᶜⁱᵃ em PARIS

·DOENÇAS SECRETAS·
CAPSULAS RAQUIN
APPROVADAS PELA ACADEMIA DE MEDICINA DE PARIS
ESTAS CAPSULAS CURAM SEM EXCEPÇÃO OS FLUXOS AGUDOS OU CHRONICOS. 100 CURAS EM 100 DOENTES
Tratados pela Academia.
COMPLEMENTO do tratamento pela
INJECÇÃO RAQUIN
MUITO UTIL TAMBEM COMO PRESERVATIVO
Exija-se a Assignatura RAQUIN e o Sello official do Governo Francez.
FUMOUZE-ALBESPEYRES, 78, Faubᵍ St Denis, PARIS
E TODAS AS PHARMACIAS.

HOTEL SERRA

LUZO

O antigo Hotel Serra, de Luzo, melhorou as suas condições, fazendo uma casa nova, d'onde se gozam encantadoras vistas. Ha na nova e antiga habitação excellentes sallas e quartos mobilados de novo—tudo com a maior decencia. Este antigo e acreditado estabelecimento melhorou muito as condições da sua cópa e cosinha, sem alterar os preços uzuaes. Os criados são de toda a fidelidade, o serviço regularissimo, e acha-se já aberto e em serviço effectivo.

CODIGO ADMINISTRATIVO

Approvado por Decreto de 27 de jhluo de 1886. Precedido do respectivo relatorio e com um appendice, contendo toda a legislação relativa ao mesmo codigo, publicado até hoje, incluindo os regulamentos para o serviço dos expostos e abandonados, e a arrecadação dos impostos directos e indirectos municipaes e parochiaes, e a tabella dos emolumentos do Supremo Tribunal Administrativo e seguido de um reportorio alphabetico.

Quinta edição. Preço, brochado, 300; encadernado, 460 reis. Pelo correio francos de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas ou vales do correio á Livraria—Cruz Coutinho—Editora, Rua dos Caldeireiros, 18 e 20—PORTO.

A FORMOSA CONSPIRADORA

ROMANCE MODERNO

POR

PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora, paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

SILVESTRES

VERSOS DE VIDAL OUDINOT

Está aberta a assignatura n'esta Redacção.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

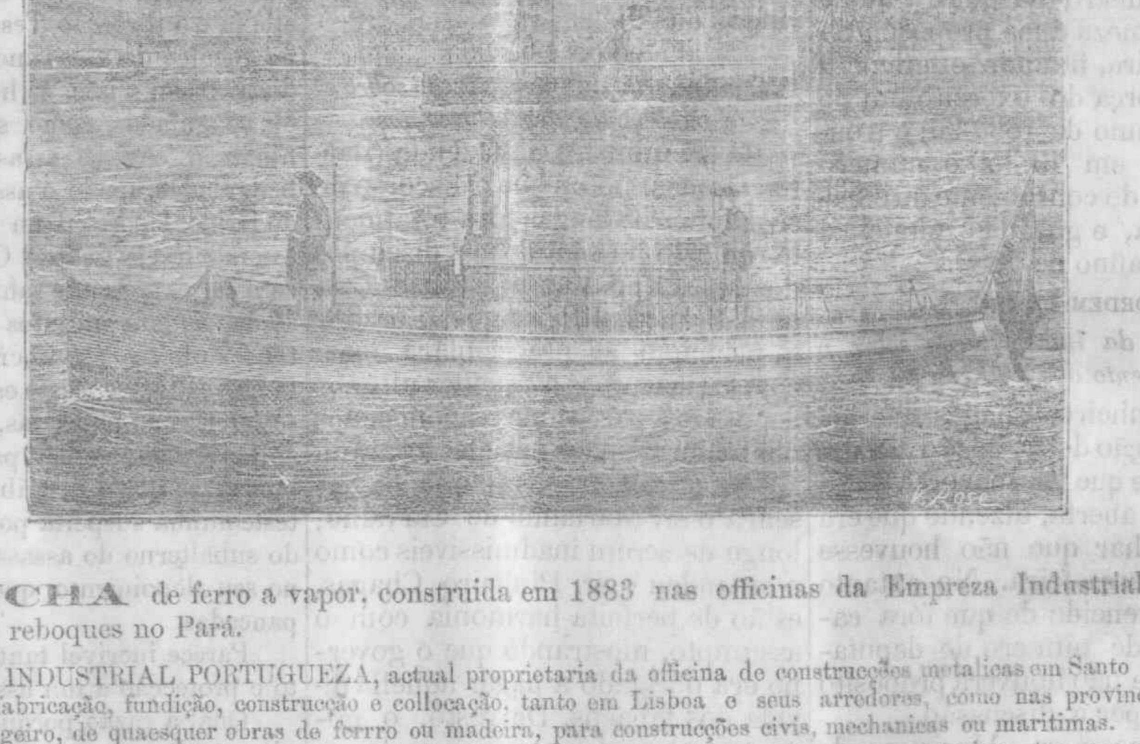
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCCÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

GASTÃO TISSANDIER

—

OS MARTYRES DA SCIENCIA

Obra vertida livremente e consideravelmente ampliada com noticias e exemplos de varões illustres de Portugal e Brazil por Adolpho Portella, e illustrada por Camille Gilbert e E. A. Tilly.

A casa editora Alcino Aranha & C.a offerece como brinde a todos os assignantes d'esta valiosa publicação uma artistica oleographia, em grande formato, copia do celebre quadro de A. Van Der Venne *A Volta da Caça, na Valachia.*

Condições da assignatura: Esta importantissima publicação formará um bello volume de 450 paginas, illustrado com 34 magnificas gravuras, sendo 22 grandes, de pagina. O formato é em 8.º grande, e o texto impresso em typo elzeviriano de bello effeito, com uma impressão muito nitida. O frontispicio é impresso a duas côres, vermelho e preto, e as capas de brochura para este volume são impressas a tres cores, vermelho, preto e ouro, em excellente papel e serão offerecidas gratuitamente aos srs. assignantes. Esta obra de vulgarisação compor-se-ha de 14 fasciculos, distribuindo-se um fasciculo por semana contendo cada um 32 paginas de texto, e uma ou mais gravuras de pagina.

O preço de cada fasciculo dos *Martyres da Sciencia* é apenas de 120 reis pagos no acto da entrega. Terminada a publicação, custará o volume dos *Martyres da Sciencia* 2$000 reis, custando por assignatura apenas 1$680, havendo por conseguinte um bonus a favor do assignante, além do brinde, a que não terá direito o comprador avulso. Nas provincias o pagamento será feito adiantadamente e por series de 4 ou mais fasciculos, ficando as despezas de expedição a cargo da casa editora.

As pessoas que garantirem dez assignaturas terão direito a um exemplar gratis.

Para que todos os srs. assignantes possam ajuizar da execução do trabalho artistico d'esta explendida e interessantissima edição, pódem desde já examinar o primeiro fasciculo em distribuição em todas as livrarias e em poder dos nossos correspondentes e distribuidores.

Todas as assignaturas dovem ser dirigidas á Casa Editora Alcino Aranha & C.a, rua do Bomjardim, 95, 1.º andar, Porto, e a todas as livrarias e correspondentes da mesma casa editora.

ANDRE LAURIE

OS EXILADOS DA TERRA

Notavel romance de viagens maravilhosas no genero dos de Julio Verne, com esplendidas illustrações de Jorge Roux. As estampas de pagina, são parte aguarelladas, parte impressas a duas côres.

Cada caderneta, 60 reis—Distribuição semanal. Lisboa e Porto: 60 reis, pagos no acto da entrega.—Provincia: 120 reis de duas em duas semanas, 2 cadernetas.

Pedidos de assignatura pódem ser feitos á Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa, ou á Filial no Porto, 127, Praça de D. Pedro, 1.º andar, assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes da mesma Companhia Nacional Editora.

NOVIDEDE LITTERARIA

—

TITO MARTINS

GURELLAS

Publicação mensal de elegantes volumes de contos, edição de luxo, illustrada com gravuras e capas lytographadas a quatro côres.

Cada volume 100 reis.—A' venda em todas as livrarias.

LIVRARIA

DE

MELLO GUIMARÃES

AVEIRO

EDUARDO COELHO JUNIOR

Retalhinhos—Contos Originaes.....	500

FERNANDES COSTA

O livro das soledades—Echos da Andaluzia..........	600

ALBERTO PIMENTEL

Atravoz do passado..........	500

EÇA DE QUEIROZ

Os Maias, episodios da vida romantica, 2 grossos volumes.........	2$000

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

HISTORIA

DO

MUNICIPALISMO EM PORTUGAL

Estão publicados e acham-se em distribuição os primeiros fasciculos d'esta importante obra, que é a verdadeira historia nacional, porque assignala a parte que tiveram na constituição do estado os homens bons dos municipios, que collaboraram de maneira importante na grande operação da independencia, auxiliando as conquistas dos primeiros monarchas, as luctas em defeza da autonomia durante a segunda e quarta dynastia, as descobertas e navegações dos seculos XV e XVI, e que tanto padeceram sob o dominio das invasões estrangeiras.

Co[illegible] n'este trabalho monumental escrip[illegible] distinctos, o que ainda lhe augmenta [illegible] importancia.

A [illegible] narrativa é reforçada com a transcripção de documentos, como os foraes, que são publicados na integra, na linguagem primitiva acompanhada da traducção, cartas régias e provisões e outros, desentranhados do pó dos archivos, alguns do[illegible] luz publica pela primeira vez.

N[illegible] relativamente modicissimo porque [illegible] o dispendio de 1$500 reis por [illegible] assignante recebe 50 fasciculos de 16 paginas cada um, equivalente a um grosso [illegible] de 800 paginas.

[illegible]-se assignaturas na séde da Bibl[illegible] historico-portugueza—Lisboa rua [illegible] 260—onde devem ser dirigidas [illegible] as requisições. Quem se responsabilisar por 5 assignaturas tem direito a um exemplar gratis ou 20 p. c. das quantias cobradas. A obra depois de publicada augmentará de preço.

ESPECTACULOS

THEATRO AVEIRENSE

Espectaculos dados pela companhia do Theatro Chalet, do Porto, nos dias 1, 2 e 3 de maio, subindo á scena no primeiro dia a peça phantastica politica em 3 actos e 12 quadros:

PASTILHAS DO DIABO

(Revista do anno de [illegible])

A segunda recita a peça phantastica de grande espectaculo em 1 prologo, 4 actos e 9 quadros

O FAUSTO

A terceira recita o vaudeville em 4 actos:

MAM'[illegible]TOUCHE

Assignat[illegible]as, frente, 2:500; ditas, lado, [illegible] camarotes de 1.a ordem, frente, [illegible]tos, lado, 2:000; ditos de 2.[illegible] 1:500; cadeiras, 500; superio[illegible]ral 240.

Avulso: [illegible] frente, 3:000; ditas, lado, 2:5[illegible]otes de 1.a ordem, frente [illegible]s, lado, 2:500; ditos de 2. [illegible]00; cadeiras, 600; superior [illegible]l 300; galerias numeradas, [illegible] sem numero, 100 reis.

A assigna[illegible]ntra-se aberta na loja do sr. [illegible] Augusto Ferreira Osorio, [illegible] Balcões.

TYPOG[illegible]EIRENSE

Largo [illegible]ra-Cruz

AV[illegible]RO